ESPECIAL

PLACAR

A SAGA DA

Jules Rimet

A HISTÓRIA DAS COPAS DE 1930 A 1970

POR MAX GEHRINGER

Abril

fascículo 9 1970 MÉXICO

Pra frente, Brasil

Foi a mais perfeita campanha da história das Copas do Mundo: nos 12 jogos disputados (seis pelas eliminatórias e seis na fase final), o Brasil venceu os 12. Não é à toa que a Seleção de 1970 é considerada a melhor de todos os tempos. Félix, Carlos Alberto, Brito, Piazza, Everaldo; Clodoaldo, Gérson, Rivelino; Jairzinho, Tostão e Pelé encantaram os mexicanos (e outros adversários) e até hoje são reverenciados como gênios da bola. No último fascículo da saga da Jules Rimet, Max Gehringer conta em detalhes a trajetória que levou o escrete verde-amarelo do total descrédito (após o fiasco no Mundial da Inglaterra, em 1966) à consagração absoluta nos gramados dos estádios Jalisco e Azteca, em Guadalajara e na Cidade do México. A nona edição do maior torneio de futebol do planeta teve ainda atrativos especiais para os brasileiros, como a transmissão ao vivo das partidas pela TV, mas ficou registrada como um momento difícil e (em certos aspectos) contraditórios de nossa história, por causa do uso político da espetacular conquista feito pela ditadura militar. O fato é que a acachapante vitória por 4 x 1 sobre a Itália naquele domingo, 21 de junho, deu ao país a posse definitiva da cobiçada taça Jules Rimet – e quem diria que 13 anos depois ela seria roubada da sede da CBD por três bandidos e derretida (por um argentino) no Rio de Janeiro... Tudo isso e muito mais é o que você encontra nestas páginas, que encerram a coleção celebrando a grandeza e o fascínio dos craques que eternizaram a mística da camisa canarinho, justamente no ano em que uma nova constelação de jogadores se prepara para brigar pelo hexacampeonato, na Alemanha.

MEXICO 70
IX campeonato mundial de futbol
mayo 31 - junio 21

Max Gehringer

foi executivo de grandes empresas, é colunista de várias revistas e um dos principais conferencistas do país. Mas sua verdadeira paixão é a bola. Dono de uma respeitável biblioteca e videoteca de futebol, ele passou os últimos anos colecionando fatos sobre as Copas. Sua missão é contar de forma bem humorada a história dos Mundiais sem reproduzir erros que se repetem de geração em geração.

Acompanhe os fascículos da saga da Jules Rimet

Fascículo 1 Uruguai **1930**
Fascículo 2 Itália **1934**
Fascículo 3 França **1938**
Fascículo 4 Brasil **1950**
Fascículo 5 Suíça **1954**
Fascículo 6 Suécia **1958**
Fascículo 7 Chile **1962**
Fascículo 8 Inglaterra **1966**
Fascículo 9 México **1970**

Fundador: VICTOR CIVITA
(1907-1990)
Presidente e Editor: Roberto Civita
Vice-Presidente Executivo: Giancarlo Civita
Conselho Editorial: Roberto Civita (Presidente)
Thomaz Souto Corrêa (Vice-Presidente), Jose Roberto Guzzo
Diretor Secretário Editorial e de Relações Institucionais: Sidnei Basile
Vice-Presidente Comercial: Deborah Wright
Diretora de Publicidade Corporativa: Thaís Chede Soares B. Barreto
Diretor-Geral: Jairo Mendes Leal
Diretor Superintendente: Laurentino Gomes
Diretor de Núcleo: Alfredo Ogawa

Diretor de Redação: Sérgio Xavier Filho
Editor Especial: Arnaldo Ribeiro **Diretor de Arte:** Rodrigo Maroja
Editores: Gian Oddi e Maurício Ribeiro de Barros
Repórter Especial: André Rizek **Coordenação:** Silvana Ribeiro
Atendimento ao leitor: Virgilio Sousa
Colaboraram nesta edição
Texto: Max Gehringer
Edição: Gabriel Pillar Grossi
Edição de Arte: Marcel Votre e Marcio Penna
Edição de Fotografia: Ricardo Corrêa
www.placar.com.br

Arriba, México!

Quando a Fifa votou para definir o país-sede, a Argentina parecia favorita, mas os mexicanos (que já tinham sido escolhidos para sediar a Olimpíada de 1968) provaram que a altitude jogava a favor

Em 8 de outubro de 1964, a Fifa se reuniu no Metropolitan Hotel de Tóquio. Dos 135 países filiados, 95 deveriam escolher – por votação aberta – o país-sede da Copa de 1970. Eram dois os concorrentes: Argentina e México. A Argentina parecia ser a favorita, mas o México acabou levando. A favor do México pesaram o fato de ter participado de quase todas as fases finais de Copas (só não tinha jogado em 1938) e as condições oferecidas para a realização do torneio. Contra, havia apenas um argumento: a falta de oxigênio nos 2 240 metros de altitude da Cidade do México, que poderia provocar desmaios e outros males súbitos nos jogadores. Os especialistas, então, explicaram que a altitude funciona a favor do esporte, não contra. Tanto que o México já havia sido designado sede dos Jogos Olímpicos de 1968. Com o ar rarefeito, os atletas correm e saltam mais. E a bola, devido ao menor atrito, ganha velocidade. Só havia um inconveniente: os jogadores teriam de chegar ao país com pelo menos 20 dias de antecedência para a necessária adaptação orgânica. Mas isso não era um grande problema em 1970. E aí, com **52 votos** – contra 36 para a Argentina e 7 abstenções –, o México ganhou o direito de sediar a nona Copa do Mundo.

Um dos países que votaram contra a escolha do México foi a Inglaterra. E, durante a Copa, a torcida mexicana não esqueceu a desfeita.

De todos os países que tinham o futebol como paixão nacional, o México era um dos menos afortunados em prestígio mundial. Um dos motivos era a falta de concorrência: nas Américas Central e do Norte, os mexicanos nunca tiveram adversários de respeito. Assim, a Copa de 1970 era a grande oportunidade para eles mostrarem ao mundo que, dentro de campo, poderiam ser mais do que um coadjuvante. Fora de campo, o comitê organizador da Copa foi presidido por Guillermo Cañedo, presidente da Federação Mexicana de Futebol, e contou com a participação do suíço Hans Bangerter, então secretário-geral da UEFA. Mas a presença dominante era a do milionário Emilio Azcárraga, dono de um clube (o América) e de um conglomerado de telecomunicações (o Telesistema) e principal membro do consórcio que construíra o estádio Azteca, na Cidade do México.

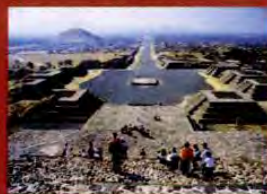
A festa de abertura: chance para o México mostrar valor

LEMYR MARTINS

O MÉXICO EM 1970

48 milhões em ação

VALDEMIR CUNHA

Como nação, o México tem uma longa história. Há 10 000 anos, seus primitivos habitantes começaram a cultivar o milho – ainda hoje o alimento nacional do país, principalmente na forma de *tortillas*. E, muito antes da descoberta da América, surgiram as diversas civilizações locais (Olmec e Maia foram as primeiras). Mais tarde, povos guerreiros, vindos do norte, dominaram a região. Um desses povos, os furiosos Mexica, governou até a chegada dos espanhóis (já o famoso nome asteca foi uma invenção de um historiador inglês no século 18). Em 1819, os conquistadores espanhóis chegaram e pulverizaram as culturas nativas. De 1521 a 1810, a região – incluindo o Caribe – foi chamada de Nova Espanha. Mesmo após sua independência, em 1821, o México continuou a ser depredado. Alguns estados norte-americanos (Texas, Novo México, Califórnia) pertenceram, no todo ou em parte, aos mexicanos. E só em 1855 o território do México assumiu sua forma presente. Em 1970, a população do país era de 48 milhões, dos quais quase 7 milhões viviam na capital.

Para cada cliente
existe um Itaú diferente.
Seja Cliente Itaú.
O Itaú quer você. Mas sabe que não existe ninguém igual a você. E é por isso que para cada cliente o Itaú é um Itaú diferente. O que você quer do Itaú? Empréstimo? Cartão de crédito? Financiar um carro? Uma conta corrente? Agência Itaú? Agência Itaú Personnalité? Um plano de previdência? Ou você quer tudo isso? Venha experimentar o Itaú. Vá até uma agência, acesse www.itau.com.br ou ligue para 0800 17 4828. **Existe um Itaú feito para você.**

DPZ
itaú
Itaú
feito
para
você

Nos cinco continentes

Pela primeira vez a África passou a ter direito a uma vaga. Assim, foram necessários 172 jogos, envolvendo 69 países, para definir os 14 classificados (que se juntaram a Inglaterra e México)

No Congresso da Fifa em Casablanca, Marrocos, em 31 de janeiro de 1968, os 69 países que tinham enviado suas inscrições até 15 de dezembro do ano anterior foram separados em 14 grupos para as disputas das eliminatórias. Para a Copa de 1966, foram 127 jogos para definir os participantes. Para a de 1970, estavam programados 167 (e acabaram sendo 172, com as partidas extras). A diferença foi a entrada em cena de 11 países africanos, cujo continente finalmente ganhou uma vaga. Na Europa, 29 países brigaram por oito vagas. A América do Sul teve direito a três vagas para dez países. As Américas Central e do Norte ficaram com uma vaga para 12 países. E a Ásia/Oceania (mais Israel), a uma vaga para sete países. Para efeito do sorteio das chaves da fase final, a Fifa considerou os dois pré-classificados (Inglaterra, campeã em 1966, e México, país-sede) como sendo os grupos 9 e 14.

Ficou decidido também que a Copa de 1970 teria duas mudanças em relação às anteriores. A primeira era a adoção de cartões amarelos e vermelhos. O triste episódio do desentendimento entre o jogador argentino Rattin e o juiz alemão Kreitlein, na Copa de 1966, convenceu a Fifa a procurar uma maneira mais prática de um árbitro advertir um atleta sem precisar falar a mesma língua. Foi o inglês Ken Aston, então responsável pela comissão de arbitragem, quem sugeriu o amarelo e o vermelho, inspirado pelas cores dos semáforos. A segunda alteração foi a permissão para as substituições do goleiro e mais dois jogadores, colocada em prática já nas eliminatórias. E seu nome – a regra 3 – caiu na boca do povo. Em 1971, Vinícius & Toquinho compuseram uma canção falando da "substituta": "Tantas você fez que ela cansou / Porque você, rapaz / Abusou da regra três..."

GRUPO 1 – *GRÉCIA, PORTUGAL, ROMÊNIA e SUÍÇA*

SUÍÇA 1 x 0 GRÉCIA
BASILÉIA, 12 DE OUTUBRO DE 1968
PORTUGAL 3 x 0 ROMÊNIA
LISBOA, 27 DE OUTUBRO DE 1968
ROMÊNIA 2 x 0 SUÍÇA
BUCARESTE, 23 DE NOVEMBRO DE 1968
GRÉCIA 4 x 2 PORTUGAL
ATENAS, 11 DE DEZEMBRO DE 1968
GRÉCIA 2 x 2 ROMÊNIA
ATENAS, 16 DE ABRIL DE 1969
PORTUGAL 0 x 2 SUÍÇA
LISBOA, 16 DE ABRIL DE 1969
PORTUGAL 2 x 2 GRÉCIA
PORTO, 4 DE MAIO DE 1969
SUÍÇA 0 x 1 ROMÊNIA
LAUSANNE, 14 DE MAIO DE 1969
ROMÊNIA 1 x 0 PORTUGAL
BUCARESTE, 12 DE OUTUBRO DE 1969
GRÉCIA 4 x 1 SUÍÇA
SALÔNICA, 15 DE OUTUBRO DE 1969
SUÍÇA 1 x 1 PORTUGAL
BERNA, 2 DE NOVEMBRO DE 1969
ROMÊNIA 1 x 1 GRÉCIA
BUCARESTE, 16 DE NOVEMBRO DE 1969

Portugal tinha amplo favoritismo, graças ao terceiro lugar obtido na Copa de 1966. E, com seis remanescentes daquela equipe (Hilário, Jaime Graça, Coluna, José Augusto, Eusébio e Simões), os portugueses estrearam bem. Depois do jogo, ninguém apostaria que os romenos iriam para a Copa e que Portugal terminaria num humilhante último lugar. Mas foi o que aconteceu. A partir do segundo jogo (derrota para a Grécia), Portugal desandou. Uma derrota para a Suíça e um empate com a Grécia, ambos em casa, tiraram prematuramente os portugueses da disputa. Portugal se ressentiu da perda do poder de fogo do ataque e, principalmente, do artilheiro Eusébio. Na Copa de 1966, Portugal marcou 17 gols (9 deles de Eusébio) em seis jogos. Nas eliminatórias, também em seis jogos, foram apenas 8 gols (3 de Eusébio). Na última partida do grupo, tanto Romênia quanto Grécia tinham chances, mas o empate favorecia os romenos, que abriram o placar. Os gregos conseguiram o empate aos 5 minutos do segundo tempo. Mas foi só. A Romênia, com um time jovem (média de idade de 23 anos), garantiu a vaga – e caiu na chave do Brasil.

GRUPO 2 – *DINAMARCA, HUNGRIA, REPÚBLICA DA IRLANDA e TCHECOSLOVÁQUIA*

DINAMARCA 0 x 3 TCHECOSLOVÁQUIA
COPENHAGUE, 25 DE SETEMBRO DE 1968
TCHECOSLOVÁQUIA 1 x 0 DINAMARCA
BRATISLAVA, 20 DE OUTUBRO DE 1968
REP. DA IRLANDA 1 x 2 TCHECOSLOVÁQUIA
DUBLIN, 4 DE MAIO DE 1969
HUNGRIA 2 x 0 TCHECOSLOVÁQUIA
BUDAPESTE, 25 DE MAIO DE 1969
DINAMARCA 2 x 0 REP. DA IRLANDA
COPENHAGUE, 27 DE MAIO DE 1969
REP. DA IRLANDA 1 x 2 HUNGRIA
DUBLIN, 8 DE JUNHO DE 1969

DINAMARCA 3 x 2 HUNGRIA
COPENHAGUE, 15 DE JUNHO DE 1969
TCHECOSLOVÁQUIA 3 x 3 HUNGRIA
PRAGA, 14 DE SETEMBRO DE 1969
TCHECOSLOVÁQUIA 3 x 0 REP. DA IRLANDA
PRAGA, 7 DE OUTUBRO DE 1969
REP. DA IRLANDA 1 x 1 DINAMARCA
DUBLIN, 15 DE OUTUBRO DE 1969
HUNGRIA 3 x 0 DINAMARCA
BUDAPESTE, 22 DE OUTUBRO DE 1969
HUNGRIA 4 x 0 REP. DA IRLANDA
BUDAPESTE, 5 DE NOVEMBRO DE 1965
TCHECOSLOVÁQUIA 4 X 1 HUNGRIA
MARSELHA, 3 DE DEZEMBRO DE 1969

Os prognósticos eram de que Hungria e Tchecoslováquia disputariam a vaga entre si, já que Dinamarca e República da Irlanda tinham equipes bem inferiores. A Hungria, ainda com seu belo trio atacante de 1966 – Bene, Albert e Farkas – se deu melhor no confronto direto: venceu os tchecos em casa e conseguiu um empate em Praga, depois de estar perdendo por 3 x 1. Mas os húngaros sofreram uma inesperada derrota para a Dinamarca. Assim, tchecos e húngaros terminaram empatados em pontos e tiveram de disputar um jogo extra. E a Tchecoslováquia ganhou com inesperada facilidade. Aos 15 minutos do segundo tempo, quando os tchecos venciam por 2 x 0, os alto-falantes do estádio anunciaram duas substituições na Hungria: saíram Göröcs e Farkas e entraram Puskás e Kocsis. A platéia pensou que estava voltando no tempo, mas os substitutos eram apenas homônimos dos grandes craques de 1954.

GRUPO 3 – *ALEMANHA ORIENTAL, ITÁLIA e PAÍS DE GALES*

PAÍS DE GALES 0 x 1 ITÁLIA
CARDIFF, 23 DE OUTUBRO DE 1968
ALEMANHA ORIENTAL 2 x 2 ITÁLIA
BERLIM ORIENTAL, 9 DE MARÇO DE 1969
ALEMANHA ORIENTAL 2 x 1 PAÍS DE GALES
DRESDEN, 16 DE ABRIL DE 1969
PAÍS DE GALES 1 x 3 ALEMANHA ORIENTAL
CARDIFF, 22 DE OUTUBRO DE 1969
ITÁLIA 4 x 1 PAÍS DE GALES
ROMA, 5 DE NOVEMBRO DE 1969

ITÁLIA 3 x 0 ALEMANHA ORIENTAL
NÁPOLES, 22 DE NOVEMBRO DE 1969

A Itália se classificou sem sustos. A novidade era o atacante Luigi Riva, de 25 anos (seu time, o pequeno Cagliari, acabaria por se tornar campeão italiano de 1969-1970, graças exatamente aos gols de Riva, artilheiro do campeonato com 19 gols em 29 jogos). Mas, antes disso, ele se consagrou marcando os gols que garantiram a classificação da *Azzurra*: o único contra País de Gales, em Cardiff, e os 2 contra a Alemanha Oriental, em Berlim. No returno, o atacante ainda marcou mais 3 sobre País de Gales e outro sobre a Alemanha Oriental.

GRUPO 4 – *IRLANDA DO NORTE, TURQUIA e UNIÃO SOVIÉTICA*

IRLANDA DO NORTE 4 x 1 TURQUIA
BELFAST, 23 DE OUTUBRO DE 1968
TURQUIA 0 x 3 IRLANDA DO NORTE
ISTAMBUL, 11 DE DEZEMBRO DE 1968
IRLANDA DO NORTE 0 x 0 UNIÃO SOVIÉTICA
BELFAST, 10 DE SETEMBRO DE 1969
UNIÃO SOVIÉTICA 3 x 0 TURQUIA
KIEV, 15 DE OUTUBRO DE 1969
UNIÃO SOVIÉTICA 2 x 0 IRLANDA DO NORTE
MOSCOU, 22 DE OUTUBRO DE 1969
TURQUIA 1 x 3 UNIÃO SOVIÉTICA
ISTAMBUL, 16 DE NOVEMBRO DE 1969

O irlandês George Best, morto em 2005 (ganhou um funeral digno de superstar), era o maior craque do futebol britânico em 1968 – jogava pelo Manchester United. Com ele em campo, a Irlanda do Norte começou embalada: duas categóricas vitórias sobre a Turquia. Mas aí o grupo teve um recesso de dez meses, para as disputas dos campeonatos europeus. Na volta, a União Soviética entrou na parada e colocou as coisas em seus devidos lugares. Com um empate contra os irlandeses em Belfast e uma vitória em Moscou, ela assumiu a dianteira. E só confirmou a ida ao México com duas fáceis vitórias sobre os turcos. Em relação à Copa de 1966, a União Soviética mantivera os veteranos de sua defesa – inclusive o goleiro Yashin, agora na reserva –, mas mudara todo o ataque.

GRUPO 5 – *FRANÇA, NORUEGA e SUÉCIA*

SUÉCIA 5 x 0 NORUEGA
ESTOCOLMO, 9 DE OUTUBRO DE 1968
FRANÇA 0 x 1 NORUEGA
ESTRASBURGO, 6 DE NOVEMBRO DE 1968
NORUEGA 2 x 5 SUÉCIA
OSLO, 19 DE JUNHO DE 1969
NORUEGA 1 x 3 FRANÇA
OSLO, 10 DE SETEMBRO DE 1969
SUÉCIA 2 x 0 FRANÇA
ESTOCOLMO, 15 DE OUTUBRO DE 1969

FRANÇA 3 x 0 SUÉCIA
PARIS, 2 DE NOVEMBRO DE 1969

A disputa entre franceses e suecos prometia ser árdua. Mas, antes mesmo que ela começasse, os franceses conseguiram a façanha de perder em casa para a esquálida Noruega. No único ataque dos noruegueses durante a partida, o meia Odd Iverssen marcou, aos 18 minutos do segundo tempo. E praticamente tirou a França da Copa. Na equipe da Suécia, o destaque foi Ove Kindvall, de 27 anos, que jogava pelo Feyenoord da Holanda. Kindvall marcou 6 gols em quatro jogos, incluindo os 2 da vitória sobre a França no jogo que garantiu a classificação antecipada.

GRUPO 6 – *BÉLGICA, ESPANHA, FINLÂNDIA e IUGOSLÁVIA*

FINLÂNDIA 1 x 2 BÉLGICA
HELSINQUE, 19 DE JUNHO DE 1968
IUGOSLÁVIA 9 x 1 FINLÂNDIA
BELGRADO, 25 DE SETEMBRO DE 1968
BÉLGICA 6 x 1 FINLÂNDIA
WAREGEM, 9 DE OUTUBRO DE 1968
BÉLGICA 3 x 0 IUGOSLÁVIA
BRUXELAS, 16 DE OUTUBRO DE 1968
IUGOSLÁVIA 0 x 0 ESPANHA
BELGRADO, 27 DE OUTUBRO DE 1968
ESPANHA 1 x 1 BÉLGICA
MADRI, 11 DE DEZEMBRO DE 1968
BÉLGICA 2 x 1 ESPANHA
LIÈGE, 23 DE FEVEREIRO DE 1969
ESPANHA 2 x 1 IUGOSLÁVIA
BARCELONA, 30 DE ABRIL DE 1969
FINLÂNDIA 1 x 5 IUGOSLÁVIA
HELSINQUE, 4 DE JUNHO DE 1969
FINLÂNDIA 2 x 0 ESPANHA
HELSINQUE, 25 DE JUNHO DE 1969
ESPANHA 6 x 0 FINLÂNDIA
CÁDIZ, 15 DE OUTUBRO DE 1969
IUGOSLÁVIA 4 x 0 BÉLGICA
SKOPJE, 19 DE OUTUBRO DE 1969

Os finlandeses tomaram 22 gols nos primeiros quatro jogos, mas no quinto, espantosamente, venceram a Espanha. Como a tabela não tinha muita lógica, a Bélgica fez seu quinto jogo em fevereiro e só voltou a campo oito meses depois. A Espanha eliminou a Iugoslávia, mas, ao perder para a Finlândia, também deu adeus ao Mundial. E a vaga ficou com a Bélgica. Raymond Goethals, o técnico belga, explicou a razão da classificação: nenhum grande craque, mas um ótimo conjunto. Sua Seleção era um combinado de dois times, o Anderlecht e o Standard de Liège.

GRUPO 7 – *ALEMANHA OCIDENTAL, ÁUSTRIA, CHIPRE e ESCÓCIA*

ÁUSTRIA 7 x 1 CHIPRE
VIENA, 19 DE MAIO DE 1968
ÁUSTRIA 0 x 2 ALEMANHA OCIDENTAL
VIENA, 13 DE OUTUBRO DE 1968
ESCÓCIA 2 x 1 ÁUSTRIA
GLASGOW, 6 DE NOVEMBRO DE 1968
CHIPRE 0 x 1 ALEMANHA OCIDENTAL
NICÓSIA, 23 DE NOVEMBRO DE 1968
CHIPRE 0 x 5 ESCÓCIA
NICÓSIA, 11 DE NOVEMBRO DE 1968
ESCÓCIA 1 x 1 ALEMANHA OCIDENTAL
GLASGOW, 16 DE ABRIL DE 1969
CHIPRE 1 x 2 ÁUSTRIA
NICÓSIA, 19 DE ABRIL DE 1969
ALEMANHA OCIDENTAL 1 x 0 ÁUSTRIA
NÜRENBERG, 10 DE MAIO DE 1969
ESCÓCIA 8 x 0 CHIPRE
GLASGOW, 17 DE MAIO DE 1969
ALEMANHA OCIDENTAL 12 x 0 CHIPRE
ESSEN, 21 DE MAIO DE 1969
ALEMANHA OCIDENTAL 3 x 2 ESCÓCIA
HAMBURGO, 22 DE OUTUBRO DE 1969
ÁUSTRIA 2 x 0 ESCÓCIA
VIENA, 5 DE NOVEMBRO DE 1969

Quando o Brasil foi descoberto, em 1500, a ilha de Chipre já tinha 8 000 anos de história e lendas. Segundo a Mitologia grega, foi em Chipre que Afrodite, a deusa do amor, nasceu das espumas do mar. Esse glorioso passado, entretanto, não inspirou o futebol local. Em 21 de maio de 1969, os cipriotas levariam a maior goleada da história das eliminatórias até então: 12 x 0 para a Alemanha Ocidental. E terminaram com a pior defesa das eliminatórias: 35 gols sofridos. O herói do grupo foi Gerd Müller, que terminou como artilheiro das eliminatórias européias, com 9 gols.

GRUPO 8 – *BULGÁRIA, HOLANDA, LUXEMBURGO e POLÔNIA*

LUXEMBURGO 0 x 2 HOLANDA
ROTERDÃ, 4 DE SETEMBRO DE 1968
BULGÁRIA 2 x 0 HOLANDA
SÓFIA, 27 DE OUTUBRO DE 1968
HOLANDA 4 x 0 LUXEMBURGO
ROTERDÃ, 26 DE MARÇO DE 1969
POLÔNIA 8 x 1 LUXEMBURGO
CRACÓVIA, 20 DE ABRIL DE 1969
BULGÁRIA 2 x 1 LUXEMBURGO
SÓFIA, 23 DE ABRIL DE 1969
HOLANDA 1 x 0 POLÔNIA
ROTERDÃ, 7 DE MAIO DE 1969
BULGÁRIA 4 x 1 POLÔNIA
SÓFIA, 15 DE JUNHO DE 1969
POLÔNIA 2 x 1 HOLANDA
CHORZOW, 7 DE JULHO DE 1969
LUXEMBURGO 1 x 5 POLÔNIA
LUXEMBURGO, 12 DE OUTUBRO DE 1969
HOLANDA 1 x 1 BULGÁRIA
ROTERDÃ, 22 DE OUTUBRO DE 1969
POLÔNIA 3 x 0 BULGÁRIA
VARSÓVIA, 9 DE NOVEMBRO DE 1969
LUXEMBURGO 1 x 3 BULGÁRIA
LUXEMBURGO, 7 DE DEZEMBRO DE 1969

A Holanda ficou em terceiro lugar, à frente apenas de Luxemburgo. Mas foi a última vez que a Holanda entrou só para fazer figuração. Nos três anos seguintes, o Ajax e o Feyenoord se tornaram campeões europeus de clubes. Uma talentosa geração, que incluía Cruyff, Van Hanegem, Suurbier e Rensenbrink, despontou nessas eliminatórias. Cruyff, 22 anos em 1969, ainda não tinha se firmado na Seleção – participou só de dois jogos e marcou apenas 1 gol. No fim, a vaga ficou com a Bulgária, porque uma inesperada derrota para a Holanda tirou os poloneses da parada.

GRUPO 10 – *ARGENTINA, BOLÍVIA e PERU*

BOLÍVIA 3 x 1 ARGENTINA
LA PAZ, 27 DE JULHO DE 1969
PERU 1 x 0 ARGENTINA
LIMA, 3 DE AGOSTO DE 1969
BOLÍVIA 2 x 1 PERU
LA PAZ, 10 DE AGOSTO DE 1969
PERU 3 x 0 BOLÍVIA
LIMA, 17 DE AGOSTO DE 1969
ARGENTINA 1 x 0 BOLÍVIA
BUENOS AIRES, 24 DE AGOSTO DE 1969
ARGENTINA 2 x 2 PERU
BUENOS AIRES, 31 DE AGOSTO DE 1969

Ninguém estranhou quando a Argentina perdeu para a Bolívia na estréia. Afinal, equipes com pulmões normais não resistem aos 3 640 metros de La Paz. Mas, em seguida, quando a Argentina perdeu para o Peru, os *aires* já não pareciam tão *buenos*. Os peruanos também foram derrotados pela falta de oxigênio de La Paz. E a Bolívia terminou o primeiro turno na liderança. No returno, como era esperado, Peru e Argentina venceram a Bolívia. Aí, se os argentinos vencessem os peruanos em Buenos Aires, todos ficariam com 4 pontos ganhos – e teriam de começar tudo de novo. O estádio La Bombonera lotou – mais de 53 000 torcedores – e a Argentina entrou em campo com seu time de craques, todos com três nomes: Agustin Mario Cejas, Roberto Alfredo Perfumo, Miguel Angel Brindisi, Héctor Casimiro Yazalde, Carlos Oscar Pachamé... Mas o Peru não só suportou bem a pressão no primeiro tempo como abriu o placar aos 25 minutos da etapa final. A Argentina empatou e incendiou a Bombonera, mas no minuto seguinte Ramirez fez 2 x 1 para os visitantes. Aos 40 minutos, novo empate. E só. A Argentina não só ficou fora da Copa como terminou na lanterna do grupo.

GRUPO 11– *BRASIL, COLÔMBIA, PARAGUAI e VENEZUELA*

COLÔMBIA 3 x 0 VENEZUELA
BOGOTÁ, 27 DE JULHO DE 1969
VENEZUELA 1 x 1 COLÔMBIA
CARACAS, 2 DE AGOSTO DE 1969
COLÔMBIA 0 x 2 BRASIL
BOGOTÁ, 6 DE AGOSTO DE 1969
VENEZUELA 0 x 2 PARAGUAI
CARACAS, 7 DE AGOSTO DE 1969
COLÔMBIA 0 x 1 PARAGUAI
BOGOTÁ, 10 DE AGOSTO DE 1969
VENEZUELA 0 x 5 BRASIL
CARACAS, 10 DE AGOSTO DE 1969
PARAGUAI 0 x 3 BRASIL
ASSUNÇÃO, 17 DE AGOSTO DE 1969
BRASIL 6 x 2 COLÔMBIA
RIO DE JANEIRO, 21 DE AGOSTO DE 1969
PARAGUAI 1 x 0 VENEZUELA
ASSUNÇÃO, 21 DE AGOSTO DE 1969
BRASIL 6 x 0 VENEZUELA
RIO DE JANEIRO, 24 DE AGOSTO DE 1969
PARAGUAI 2 x 1 COLÔMBIA
ASSUNÇÃO, 24 DE AGOSTO DE 1969
BRASIL 1 x 0 PARAGUAI
RIO DE JANEIRO, 31 DE AGOSTO DE 1969

Com uma campanha sem retoques – seis jogos, seis vitórias, 23 gols a favor e 2 contra –, o Brasil se classificou. Tostão, o maior artilheiro das eliminatórias, fez 10 gols. Pelé contribuiu com 6, incluindo o último, o da classificação sobre o Paraguai (recorde de público do Maracanã, 183 341 pagantes). O Brasil jogou com Félix, Carlos Alberto, Djalma Dias, Joel e Rildo; Piazza e Gérson; Jairzinho, Tostão, Pelé e Edu. Durante os 540 minutos, João Saldanha fez sete substituições. Paulo César e Brito entraram duas vezes cada um. E Everaldo, Rivelino e o goleiro Lula, uma.

GRUPO 12 – *CHILE, EQUADOR e URUGUAI*

EQUADOR 0 x 2 URUGUAI
GUAYAQUIL, 6 DE JULHO DE 1969
CHILE 0 x 0 URUGUAI
SANTIAGO, 13 DE JULHO DE 1969
URUGUAI 1 x 0 EQUADOR
MONTEVIDÉU, 20 DE JULHO DE 1969
CHILE 4 x 1 EQUADOR
SANTIAGO, 27 DE JULHO DE 1969
EQUADOR 1 x 1 CHILE
GUAYAQUIL, 3 DE AGOSTO DE 1969
URUGUAI 2 x 0 CHILE
MONTEVIDÉU, 10 DE AGOSTO DE 1969

Com uma mescla de veteranos e jovens, o Uruguai montou uma defesa forte com um meio de campo congestionado (e um único atacante nato, Luis Cubilla, de 30 anos, do Nacional de Montevidéu). Baixo (1,69 metro) e meio gordinho (74 quilos), Cubilla era definido por todas as torcidas como "asqueroso", por sua capacidade de irritar os atletas adversários. No último confronto, com o brasileiro Armando Marques apitando, o Uruguai precisava apenas do empate contra o Chile, mas ganhou fácil e se classificou.

GRUPO 13 – *AMÉRICA CENTRAL, AMÉRICA DO NORTE e CARIBE*

Foram formados quatro subgrupos, cada um com três países. De cada subgrupo sairia um vencedor, para as semifinais. Finalmente, os dois sobreviventes decidiriam, em dois jogos, quem garantiria a vaga para a Copa. Ao todo, seriam 30 jogos e a impressão geral era de que a disputa seria bem monótona. Mas essas eliminatórias acabaram sendo as que mais ganharam espaço na mídia, embora não na seção de esportes. Tudo porque Honduras e El Salvador se engalfinhariam numa guerra de verdade.

TUDO É UM SÓ CORAÇÃO

SUBGRUPO A – *BERMUDAS, CANADÁ e ESTADOS UNIDOS*

CANADÁ 4 x 0 BERMUDAS
TORONTO, 6 DE OUTUBRO DE 1968
CANADÁ 4 x 2 ESTADOS UNIDOS
TORONTO, 13 DE OUTUBRO DE 1968
BERMUDAS 0 x 0 CANADÁ
HAMILTON, 20 DE OUTUBRO DE 1968
ESTADOS UNIDOS 1 x 0 CANADÁ
ATLANTA, 26 DE OUTUBRO DE 1968
ESTADOS UNIDOS 6 x 2 BERMUDAS
KANSAS CITY, 3 DE NOVEMBRO DE 1968
BERMUDAS 0 x 2 ESTADOS UNIDOS
HAMILTON, 11 DE NOVEMBRO DE 1968

Parecia que os Estados Unidos seriam nocauteados já no primeiro round. Mas um tropeço dos canadenses, que empataram com Bermudas na casa do adversário, deu aos norte-americanos a chance de vencer todos os jogos seguintes e se classificar para a fase seguinte sem grandes sobressaltos. De qualquer forma, ninguém continuava a se preocupar com o *soccer* no país do Tio Sam: o público médio nos jogos disputados em Atlanta e Kansas City (em campos de beisebol adaptados para o futebol) foi de ridículos 2 500 espectadores.

SUBGRUPO B – *GUATEMALA, HAITI e TRINIDAD E TOBAGO*

GUATEMALA 4 x 0 TRINIDAD E TOBAGO
CIDADE DA GUATEMALA, 17 DE NOVEMBRO DE 1968
TRINIDAD E TOBAGO 0 x 0 GUATEMALA
CIDADE DA GUATEMALA, 20 DE NOVEMBRO DE 1968
TRINIDAD E TOBAGO 0 x 4 HAITI
PORT-AU-PRINCE, 23 DE NOVEMBRO DE 1968
HAITI 2 x 4 TRINIDAD E TOBAGO
PORT-AU-PRINCE, 25 DE NOVEMBRO DE 1968
HAITI 2 x 0 GUATEMALA
PORT-AU-PRINCE, 8 DE DEZEMBRO DE 1968
GUATEMALA 1 x 1 HAITI
CIDADE DA GUATEMALA, 23 DE FEVEREIRO DE 1969

Trinidad e Tobago teve de disputar todos os seus jogos fora de casa porque seus campos não foram aprovados pela Fifa. Mas acabou sendo o fiel da balança, ao conseguir um empatezinho sem gols com a Guatemala. Assim, o Haiti conseguiu se qualificar para a fase seguinte ainda no penúltimo jogo. Incidentalmente, vale registrar que a ilha de Tobago deu uma duvidosa contribuição aos costumes mundiais: de seu nome derivou o tabaco, planta que crescia por lá e foi levada para a Europa no século 17.

SUBGRUPO C – *COSTA RICA, HONDURAS e JAMAICA*

COSTA RICA 3 x 0 JAMAICA
SAN JOSÉ, 27 DE NOVEMBRO DE 1968
JAMAICA 1 x 3 COSTA RICA
SAN JOSÉ, 1º DE DEZEMBRO DE 1968
HONDURAS 3 x 1 JAMAICA
TEGUCIGALPA, 5 DE DEZEMBRO DE 1968
JAMAICA 0 x 2 HONDURAS
TEGUCIGALPA, 8 DE DEZEMBRO DE 1968
HONDURAS 1 x 0 COSTA RICA
TEGUCIGALPA, 22 DE DEZEMBRO DE 1968
COSTA RICA 1 x 1 HONDURAS
SAN JOSÉ, 28 DE DEZEMBRO DE 1968

Sempre derrotada pelo México em eliminatórias, a Costa Rica tinha sua grande chance, já que os mexicanos estavam pré-classificados. Só que os costarriquenhos começaram a pensar nos jogos finais antes mesmo de vencer seu subgrupo. E acaram sendo surpreendidos por Honduras. Os hondurenhos venceram em casa e, no segundo jogo, deu tudo errado para a Costa Rica - que tomou 1 gol de pênalti e em seguida teve seu goleiro, Gutierrez, expulso. A Costa Rica empatou ainda no primeiro tempo, mas Honduras se fechou na defesa e se qualificou.

SUBGRUPO D – *ANTILHAS HOLANDESAS, EL SALVADOR e SURINAME*

SURINAME 6 x 0 ANTILHAS HOLANDESAS
PARAMARIBO, 24 DE NOVEMBRO DE 1968
EL SALVADOR 6 x 0 SURINAME
SAN SALVADOR, 1º DE DEZEMBRO DE 1968
ANTILHAS HOLANDESAS 2 x 0 SURINAME
ARUBA, 5 DE DEZEMBRO DE 1968
EL SALVADOR 1 x 0 ANTILHAS HOLANDESAS
SAN SALVADOR, 12 DE DEZEMBRO DE 1968
ANTILHAS HOLANDESAS 1 x 2 EL SALVADOR
SAN SALVADOR, 15 DE DEZEMBRO DE 1968
SURINAME 4 x 1 EL SALVADOR
PARAMARIBO, 22 DE DEZEMBRO DE 1968

Quando perdeu o último jogo, El Salvador já estava classificado. O desfecho do subgrupo era mais que esperado, mas El Salvador ainda foi beneficiado pela troca do mando de campo no jogo de volta contra as Antilhas – que foram a San Salvador em troca de dinheiro.

SEMIFINAL 1 – *ESTADOS UNIDOS e HAITI*

HAITI 2 x 0 ESTADOS UNIDOS
PORT-AU-PRINCE, 20 DE ABRIL DE 1969
ESTADOS UNIDOS 0 x 1 HAITI
SAN DIEGO, 11 DE MAIO DE 1969

Parece piada dizer que o Haiti é favorito numa disputa esportiva contra os Estados Unidos. Mas no futebol, e no distante ano de 1969, isso era a mais pura verdade. Com duas vitórias sem grande alarde, o Haiti passou para a fase final. O público da partida em San Diego, na Califórnia, foi de apenas 4 000 pagantes. A maioria, provavelmente, imigrantes haitianos.

SEMIFINAL 2 – *EL SALVADOR e HONDURAS*

HONDURAS 1 x 0 EL SALVADOR
TEGUCIGALPA, 8 DE JUNHO DE 1969
EL SALVADOR 3 x 0 HONDURAS
SAN SALVADOR, 15 DE JUNHO DE 1969
EL SALVADOR 3 x 2 HONDURAS
CIDADE DO MÉXICO, 26 DE JUNHO DE 1969

A situação política em Honduras não era boa. O presidente Lopez Arellano enfrentava greves e manifestações, causadas pela má situação econômica. Os motivos eram muitos, mas Arellano resolveu atacar um: expulsar boa parte dos quase 300 000 salvadorenhos que tinham migrado ilegalmente para Honduras nos dez anos anteriores. O fato de que muitos desses imigrantes eram "proprietários" de terras no país (tecnicamente, terras invadidas) criou um atrito entre os dois governos. Em junho de 1969, as escaramuças passaram das palavras para a ação,com o deslocamento de tropas militares. A derrota de Honduras para El Salvador, em 15 de junho, não foi a causa da guerra, mas acabou sendo interpretada assim. Isso porque, no dia seguinte, o governo de Tegucigalpa determinou que todos os salvadorenhos deveriam deixar Honduras. Mais bem equipado e com efetivo maior, o Exército de El Salvador atravessou a fronteira. Enquanto a guerra prosseguia, as duas seleções foram para o desempate, na Cidade do México. As autoridades mexicanas colocaram mais de 2 000 policiais no estádio e informaram que só concederiam vistos de entrada para 10 000 torcedores de cada país. Para surpresa geral, foi tudo tranqüilo. El Salvador ficou duas vezes à frente no marcador, mas os hondurenhos conseguiram empatar e o jogo foi para a prorrogação. E aos 10 minutos do primeiro tempo, Quintanilla fez o gol que qualificou El Salvador para a disputa com o Haiti. Já a guerra só acabou um mês depois, no dia 18 de julho, com cerca de 2 000 mortos.

FINAL – *EL SALVADOR e HAITI*

HAITI 1 x 2 EL SALVADOR
PORT-AU-PRINCE, 21 DE SETEMBRO DE 1969
EL SALVADOR 0 x 3 HAITI
SAN SALVADOR, 28 DE SETEMBRO DE 1969
EL SALVADOR 1 x 0 HAITI
KINGSTON, 8 DE OUTUBRO DE 1969

Depois de vencer o Haiti na casa do adversário, os salvadorenhos conseguiram perder feio em casa. E a disputa foi parar em Kingston, na Jamaica. O jogo extra terminou empatado em 0 x 0 e foi para a prorrogação. Finalmente, aos 9 minutos do segundo tempo, Juan Ramón Martinez fez o gol da classificação. Ninguém mereceu ir ao México mais do que El Salvador, que sobreviveu a dez jogos, duas prorrogações e uma guerra.

GRUPO 16 – *ÁFRICA, ÁSIA e OCEANIA*

Conforme o sorteio realizado pela Fifa, as disputas nesse grupo deveriam ser bem simples: apenas dois subgrupos, com os dois campeões se enfrentando por uma vaga no Mundial de 1970, no México. Mas é claro que não foi bem assim...

SUBGRUPO A – *AUSTRÁLIA, CORÉIA DO SUL, JAPÃO e RODÉSIA*

AUSTRÁLIA 3 x 1 JAPÃO
SEUL, 10 DE OUTUBRO DE 1969
CORÉIA DO SUL 2 x 2 JAPÃO
SEUL, 12 DE OUTUBRO DE 1969
CORÉIA DO SUL 1 x 2 AUSTRÁLIA
SEUL, 14 DE OUTUBRO DE 1969
JAPÃO 1 x 1 AUSTRÁLIA
SEUL, 16 DE OUTUBRO DE 1969
CORÉIA DO SUL 2 x 0 JAPÃO
SEUL, 18 DE OUTUBRO DE 1969
CORÉIA DO SUL 1 x 1 AUSTRÁLIA
SEUL, 20 DE OUTUBRO DE 1969
AUSTRÁLIA 1 x 1 RODÉSIA
LOURENÇO MARQUES, 23 DE NOVEMBRO DE 1969
AUSTRÁLIA 0 x 0 RODÉSIA
LOURENÇO MARQUES, 27 DE NOVEMBRO DE 1969
AUSTRÁLIA 3 x 1 RODÉSIA
LOURENÇO MARQUES, 1º DE DEZEMBRO DE 1969

Bem ao estilo oriental, foi tudo tiro-e-queda! Austrália, Japão e Coréia do Sul concordaram em jogar um minitorneio em Seul, fizeram seis jogos em dez dias e a Austrália ganhou. Mas ela ainda teve de enfrentar a Rodésia, que também deveria ter ido a Seul, mas não foi. Colônia britânica na África, a Rodésia havia sido separada em duas, nos anos 1960. A Rodésia do Norte conseguiu sua independência em 1964, adotando o nome de Zâmbia (e disputou as eliminatórias africanas para a Copa de 1970). Já a Rodésia do Sul só se tornaria realmente autônoma em 1980, quando mudou de nome para Zimbábue. Em 1969, essa Rodésia era governada por uma minoria branca. E, por esse motivo, teve os vistos de entrada negados pelas autoridades sul-coreanas. Mas, para a Fifa, a Rodésia estava inscrita e deveria jogar. A disputa foi então marcada para um campo neutro: Lourenço Marques, em Moçambique. E três jogos foram necessários até que a Austrália, finalmente, vencesse o subgrupo.

SUBGRUPO B – *CORÉIA DO NORTE, ISRAEL e NOVA ZELÂNDIA*

ISRAEL 4 x 0 NOVA ZELÂNDIA
TEL-AVIV, 28 DE SETEMBRO DE 1969
ISRAEL 2 x 0 NOVA ZELÂNDIA
TEL-AVIV, 1º DE OUTUBRO DE 1969

A Coréia do Norte, sensação da Copa de 1966, se recusou a jogar contra Israel, retirando-se da disputa. Para facilitar mais ainda as coisas para os israelenses, a Nova Zelândia decidiu fazer os dois jogos em Tel-Aviv, para evitar manifestações de grupos radicais neozelandeses. Os jogadores israelenses, que não tinham nada com isso, aproveitaram a chance e ganharam facilmente, qualificando-se para enfrentar a Austrália.

FINAL – *AUSTRÁLIA e ISRAEL*

ISRAEL 1 x 0 AUSTRÁLIA
TEL-AVIV, 4 DE DEZEMBRO DE 1969
AUSTRÁLIA 1 x 1 ISRAEL
SYDNEY, 14 DE DEZEMBRO DE 1969

Depois de jogar em Moçambique no dia 1º de dezembro, a Austrália saiu direto para o aeroporto e fez uma longa viagem até Israel – com três escalas – chegando a Tel-Aviv na noite do dia 2. No dia 4, os exaustos australianos entraram em campo e perderam para os descansados israelenses. No jogo de volta, em Sydney, dez dias depois, a Austrália dominou, mas foram os israelenses que marcaram primeiro. A Austrália empatou, mas ficou fora. Curiosamente, Israel era a única equipe realmente amadora no México: seus jogadores tinham profissões como mecânico, eletricista e contador (além de um lapidador de diamantes).

GRUPO 16 – ÁFRICA

Dois países - Guiné e Zaire - perderam o prazo de inscrição. Sobraram 11 concorrentes. Em vez de programar um minitorneio, a Fifa decidiu fazer jogos mata-mata entre países vizinhos, por motivos econômicos: a África era muito grande e a falta de recursos de muitas nações era um sério impedimento para longos deslocamentos.

SUBGRUPO A – *ARGÉLIA e TUNÍSIA*

ARGÉLIA 1 x 2 TUNÍSIA
ARGEL, 17 DE NOVEMBRO DE 1968
TUNÍSIA 0 x 0 ARGÉLIA
TÚNIS, 29 DE DEZEMBRO DE 1968

Vizinhos e rivais que se conheciam muito bem e vinham se enfrentando com regularidade, Argélia e Tunísia fizeram dois jogos rigorosamente iguais. Levou vantagem quem tinha o jogador mais oportunista, o ponta-esquerda Ezzedine Chacroun, autor de 2 gols em 5 minutos no primeiro jogo.

SUBGRUPO B – *MARROCOS e SENEGAL*

MARROCOS 1 x 0 SENEGAL
CASABLANCA, 3 DE NOVEMBRO DE 1968
SENEGAL 2 x 1 MARROCOS
DACAR, 5 DE JANEIRO DE 1969
MARROCOS 2 x 0 SENEGAL
LAS PALMAS, 13 DE FEVEREIRO DE 1969

O Marrocos, colônia da França até 1956, foi beneficiado por sua experiência: suas equipes sempre mantiveram um intercâmbio com times da "matriz". O artilheiro da Copa de 1958, o marroquino Just Fontaine, havia sido recrutado pelos franceses em Casablanca. Mesmo assim, o entusiasmo do Senegal – até 1962, também uma colônia da França – endureceu a disputa, que só foi decidida num jogo extra, na Espanha.

SUBGRUPO C – *ETIÓPIA e LÍBIA*

LÍBIA 2 x 0 ETIÓPIA
TRÍPOLI, 26 DE JANEIRO DE 1969
ETIÓPIA 5 x 1 LÍBIA
ADIS ABEBA, 9 DE FEVEREIRO DE 1969

A Fifa permitiu que as federações diretamente envolvidas em cada um dos subgrupos discutissem uma forma consensual de disputa. No subgrupo B, o acordo foi de um jogo extra em caso de empate. No C, a decisão saiu pelo saldo de gols. E a Etiópia seguiu adiante.

SUBGRUPO D – *SUDÃO e ZÂMBIA*

ZÂMBIA 4 x 2 SUDÃO
NDOLA, 27 DE OUTUBRO DE 1969
SUDÃO 4 x 2 ZÂMBIA **(3 X 1 NO TEMPO NORMAL)**
CARTUM, 8 DE NOVEMBRO DE 1968

Por acordo prévio, este subgrupo também seria decidido pelo saldo de gols. Caso persistisse a igualdade, haveria uma prorrogação. Zâmbia venceu o primeiro jogo por 4 x 2, o Sudão venceu o segundo por 3 x 1 e as duas equipes ficaram com saldo zero. A prorrogação terminou 1 x 1, deixando tudo igual. Como nada mais havia sido combinado, a Fifa foi consultada. E, numa inesperada e controvertida decisão, ela simplesmente determinou que o Sudão estava qualificado, "por haver marcado mais gols na segunda partida".

SUBGRUPO E – *CAMARÕES e NIGÉRIA*

NIGÉRIA 1 x 1 CAMARÕES
LAGOS, 7 DE DEZEMBRO DE 1968
CAMARÕES 2 x 3 NIGÉRIA
DOUALA, 22 DE DEZEMBRO DE 1968

Num dos raros subgrupos africanos em que nada de anormal ocorreu, a Nigéria surpreendeu Camarões no jogo de volta e garantiu sua passagem para a fase seguinte.

SEMIFINAL 1 – *MARROCOS e TUNÍSIA* VENCEDOR DE A X VENCEDOR DE B

TUNÍSIA 0 x 0 MARROCOS
TÚNIS, 27 DE ABRIL DE 1969
MARROCOS 0 x 0 TUNÍSIA
CASABLANCA, 18 DE MAIO DE 1969
MARROCOS 2 x 2 TUNÍSIA
MARSELHA, 13 DE JUNHO DE 1969

Parece inacreditável, mas aconteceu. Após um duplo 0 x 0, uma partida extra foi disputada na França. Ali, novos empates no jogo (2 x 2) e na prorrogação (0 x 0). Conforme previamente acordado, a decisão saiu por sorteio. O juiz francês Michel Kitabdjian chamou os dois capitães ao centro do campo e atirou a moedinha para o alto. Deu Tunísia. Mas, imediatamente, os dirigentes de Marrocos mostraram o acordo registrado na Fifa. E nele estava escrito que o sorteio deveria ser feito no vestiário do árbitro. Kitabdjian então revogou o sorteio feito no campo, dirigiu-se ao vestiário e, na presença dos capitães, jogou de novo a moeda. Desta vez, deu Marrocos.

SEMIFINAL 2 – *ETIÓPIA e SUDÃO* VENCEDOR DE C X VENCEDOR DE D

ETIÓPIA 1 x 1 SUDÃO
ADIS ABEBA, 4 DE MAIO DE 1969
SUDÃO 3 x 1 ETIÓPIA
CARTUM, 11 DE MAIO DE 1969

O Sudão, que dominara o jogo de ida, sofrendo o gol de empate só aos 34 minutos do segundo tempo, não teve dificuldades para vencer em casa e se qualificar. Dois dos gols sudaneses foram marcados por Hassan El Sedik, apelidado de Gagarin em homenagem ao cosmonauta soviético que foi o primeiro ser humano a ir, literalmente, para o espaço. Segundo os cronistas sudaneses, o Gagarin local, assim como seu homônimo famoso, ficava "suspenso no vácuo" quando subia para cabecear.

SEMIFINAL 3 – *GANA e NIGÉRIA* VENCEDOR DE E X GANA

NIGÉRIA 2 x 1 GANA
IBADAN, 10 DE MAIO DE 1969
GANA 1 x 1 NIGÉRIA
ACRA, 18 DE MAIO DE 1969

Gana havia sido beneficiada por um sorteio, feito antes de iniciadas as disputas, e ficou esperando o vencedor do subgrupo E. E a Nigéria passou também por Gana, vencendo em casa e empatando fora. Mas o segundo jogo não foi fácil: os dirigentes e a torcida de Gana ficaram pressionando o juiz para que ele não encerrasse a partida – e o segundo tempo teve 12 minutos de descontos.

FINAL – *MARROCOS, SUDÃO e NIGÉRIA*

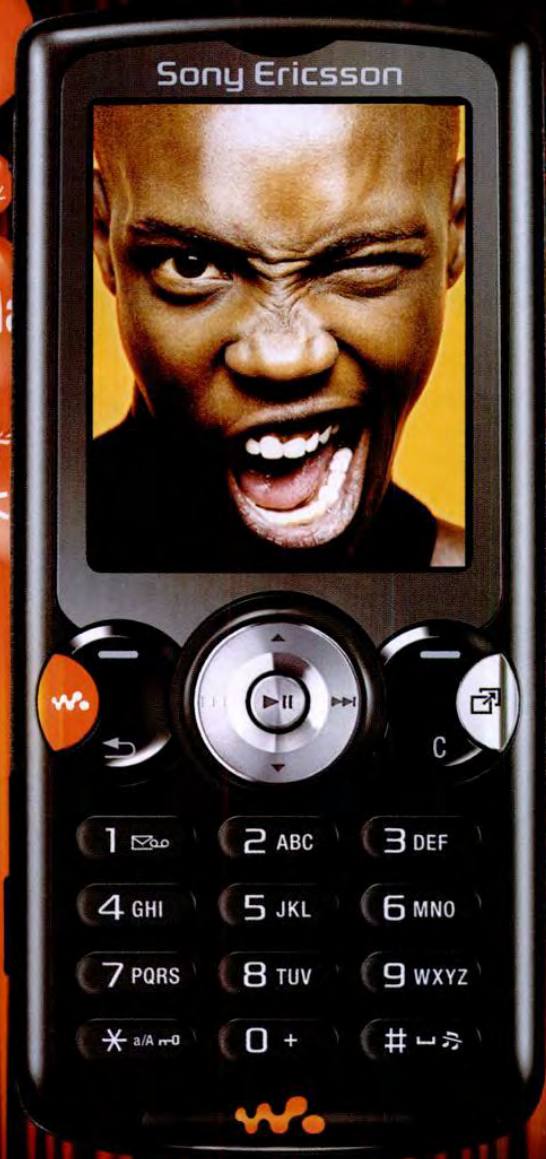
NIGÉRIA 2 x 2 SUDÃO
IBADAN, 12 DE SETEMBRO DE 1969
MARROCOS 2 x 1 NIGÉRIA
CASABLANCA, 21 DE SETEMBRO DE 1969
SUDÃO 3 x 3 NIGÉRIA
CARTUM, 3 DE OUTUBRO DE 1969
SUDÃO 0 x 0 MARROCOS
CARTUM, 10 DE OUTUBRO DE 1969
MARROCOS 3 x 0 SUDÃO
CASABLANCA, 26 DE OUTUBRO DE 1969
NIGÉRIA 2 x 0 MARROCOS
IBADAN, 8 DE NOVEMBRO DE 1969

Finalmente, depois de 24 jogos envolvendo 11 países, o Marrocos ganhou o direito de representar o continente africano. Dado o primitivo estágio do futebol da África na época, o lamentável estado dos campos e decisões estranhas da Fifa, é impossível dizer se houve justiça.

Destino: México

Foram 19 meses de disputas, de 17 de maio de 1968 a 14 de dezembro de 1969, para definir os 14 países que disputariam a Copa de 1970 ao lado da então campeã mundial, a Inglaterra, e do país-sede, o México. No total, foram nove europeus contra sete do resto do mundo (três sul-americanos, dois centro-americanos, um africano e um do Oriente Médio).

- Alemanha Ocidental
- Bélgica
- Brasil
- Bulgária
- El Salvador
- Inglaterra
- Israel
- Itália
- Marrocos
- México
- Peru
- Romênia
- Suécia
- Tchecoslováquia
- União Soviética
- Uruguai

www.sonyericsson.com.br
Sony Ericsson
Claro
WALKMAN
idéias

Das "feras" ao "lobo"

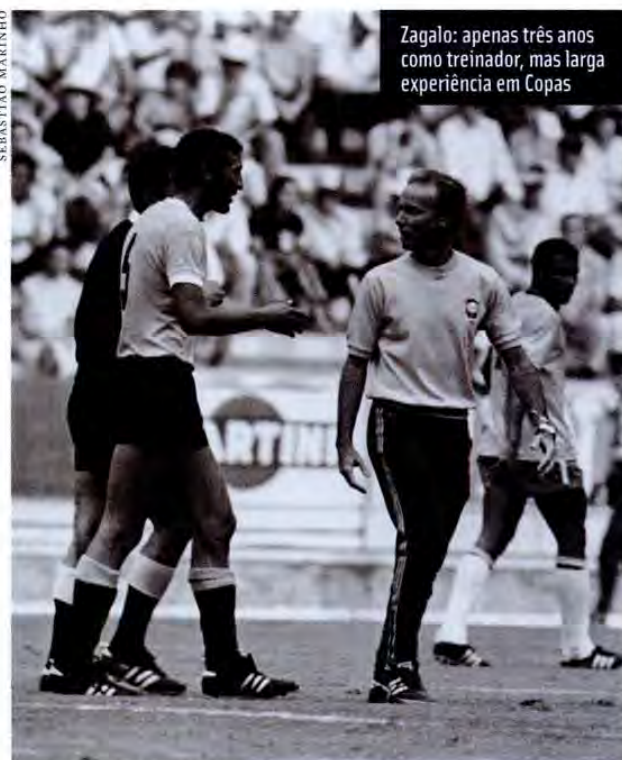
Depois do fiasco na Inglaterra, nossa Seleção passou por uma enorme fase de transição – até João Saldanha engatar uma série de 13 vitórias e, depois, bater de frente com os militares a 75 dias do Mundial, abrindo espaço para Zagalo

Após o fracasso na Copa de 1966, o Brasil ficou quase um ano sem jogar. Ainda na Inglaterra, João Havelange prometeu "mudanças nos métodos da Seleção". O resultado foi a criação da Cosena, a Comissão Selecionadora Nacional, com Antonio do Passo na chefia. Como treinador, em substituição a Vicente Feola, foi chamado novamente Aymoré Moreira. Em 21 de junho de 1967, a "nova" Seleção entrou em campo para seu primeiro jogo-treino, contra um combinado Grêmio–Internacional, em Porto Alegre. E perdeu por 2 x 1. Os resultados seguintes também não foram animadores: em oito dias, quatro jogos e quatro empates: um contra o Grêmio, em Porto Alegre, e três contra o Uruguai, em Montevidéu, pela Taça Rio Branco. O novo escrete – Félix, Everaldo, Jurandir, Dias e Sadi; Piazza e Dirceu Lopes; Paulo Borges, Tostão, Alcindo e Hilton Oliveira – nada tinha a ver com o de 1966. Em setembro, no Maracanã, um combinado carioca, usando a camisa da CBD, venceu o Chile por 1 x 0 e resgatou Gérson, que ficara estigmatizado no Mundial da Inglaterra. Mas a partida tem valor histórico por outro motivo: o técnico foi Zagalo, pela primeira vez nessa função.

Depois disso, a Seleção passou outro ano sem jogar e só voltou em junho de 1968. Ainda sem Pelé, firme em seu propósito de não disputar a Copa de 1970. O lado positivo é que Havelange havia feito as pazes com Paulo Machado de Carvalho, novo chefe da Cosena com a promessa de reeditar os vitoriosos planos de 1958 e 1962. A agenda, desta vez, foi lotada: 11 jogos em 40 dias. Começou no Brasil (duas vitórias sobre o Uruguai), prosseguiu na Europa (quatro jogos, com duas vitórias, sobre Polônia e Iugoslávia, e duas derrotas, para Alemanha e Tchecoslováquia), passou por Moçambique, na África (vitória de 2 x 0 sobre Portugal, sem Eusébio), fez uma escala na América do Norte (uma vitória e uma derrota contra o México) e terminou na América do Sul (duas vitórias sobre o Peru, em Lima). Durante a excursão, Aymoré montou um time-base: Félix, Carlos Alberto, Brito, Joel e Rildo; Gérson e Rivelino; Paulo Borges, Tostão, Jairzinho e Edu. Gérson, que havia perdido a posição de armador para Rivelino, foi testado como volante. E detestou a experiência.

Em 25 e 28 de julho de 1968, uma equipe composta só por paulistas disputou a Taça Oswaldo Cruz com o Paraguai, em Assunção. A boa notícia foi a volta de Pelé, após dois longos anos sem vestir a camisa canarinho. A má notícia foi um princípio de crise na Cosena, com Paulo Machado de Carvalho ameaçando se demitir por não estar conseguindo manter a autoridade. Nos seis jogos que disputou no Maracanã, de outubro a dezembro de 1968, todos com Pelé, o Brasil não foi bem e ainda deu um vexame (perdeu para o México, por 2 x 1). De bom, só uma vitória, também por 2 x 1, sobre um combinado da Fifa, com Rivelino fazendo 1 gol depois de dar o drible do elástico em Beckenbauer.

Em fevereiro de 1969, o desgastado Paulo Machado de Carvalho resolveu abandonar o barco. Em março, numa atitude inesperada, a CBD escolheu um dos jornalistas mais ácidos em suas críticas – João Saldanha, de *O Globo* – e o desafiou a dirigir a Seleção. Parecia mais um cala-boca do que um convite, mas ele topou. João Saldanha Jobim Alves, 50 anos, gaúcho radicado no Rio de Janeiro, só tinha uma experiência anterior como técnico – dirigira seu time do coração, o Botafogo, entre 1957 e 1959. Mas começou surpreendendo, ao anunciar a escalação da Seleção no dia em que foi nomeado.

SEBASTIÃO MARINHO

Zagalo: apenas três anos como treinador, mas larga experiência em Copas

E, fiel a seu estilo, afirmou que passaríamos a ter "11 feras em campo". Os jogadores assimilaram bem essa história. Tanto que, já no segundo jogo (contra o Peru, no Maracanã), Gérson quebrou a perna do zagueiro De La Torre, com uma solada digna da Idade das Trevas.

De abril a agosto de 1969, foram 13 jogos, incluindo seis pelas eliminatórias da Copa, e 13 vitórias. Quando o Brasil derrotou o Paraguai por 1 x 0 no Maracanã e se classificou para ir ao México, Saldanha já tinha uma legião de admiradores. Segundo o Ibope, 70% dos brasileiros apoiavam o técnico. Infelizmente, esses admiradores não incluíam os militares. Além de ter namorado o Partido Comunista na juventude, Saldanha jamais manifestou apreço pelo golpe de 1964. Nos primeiros meses como comandante do escrete nacional, os militares não o incomodaram, mas as circunstâncias começaram a conspirar contra ele. Em 27 de agosto de 1969 – quatro dias antes do jogo contra o Paraguai –, o presidente Costa e Silva sofreu um derrame. No dia da decisão, uma junta militar assumiu o poder, impedindo a posse do vice-presidente, o civil Pedro Aleixo. E, em 30 de outubro, um novo presidente militar tomou posse: o general Emílio Garrastazu Médici, um linha-dura, anticomunista e fã de futebol. Era tudo de que Saldanha *não* precisava.

O presidente e o técnico

No dia 3 de setembro de 1969, a Seleção fez um amistoso contra o Atlético, no Mineirão. O Galo ganhou por 2 x 1 e o centroavante Dario fez o gol da vitória. Alguém assoprou para Saldanha que o presidente, como brasileiro e torcedor, gostaria de ver Dadá na Seleção – embora, em público, Médici jamais tenha dito isso. E o treinador, fiel a seu estilo irônico e peitador, esqueceu o "torcedor" da frase e mandou a resposta para o presidente mesmo: Médici escalaria o Ministério e ele, Saldanha, escalaria a Seleção. Seria apenas uma declaração engraçada, se o Brasil não estivesse vivendo sob um regime de exceção. Não bastassem os problemas políticos, Tostão terminou 1969 praticamente fora da Copa. No dia 24 de setembro, num jogo do Cruzeiro contra o Corinthians, no Pacaembu, o zagueiro Ditão deu um de seus consagrados chutões para aliviar a área. A bola acertou em cheio o olho esquerdo de Tostão, que caiu desacordado. Diagnóstico: descolamento da retina. Solução, embora não garantida: uma operação em Houston, no Texas, com um especialista brasileiro, o doutor Roberto Abdala Moura. Tostão passou por duas operações, em 6 e 17 de outubro, e teve alta três dias depois. Mas Saldanha e o Brasil passaram 134 dias ouvindo notícias desencontradas sobre as condições do craque, que só foi liberado para voltar a treinar em 6 de fevereiro de 1970.

Nessa altura, a quatro meses da Copa, Saldanha já havia perdido boa parte da estabilidade emocional. Primeiro, de revólver em punho, invadiu a concentração do Flamengo à procura do técnico Iustrich, que o chamara de "covarde". Iustrich, todo mundo sabia e ele não negava, ambicionava comandar a Seleção. Depois, Saldanha saiu no braço com um

SEBASTIÃO MARINHO

João Saldanha: a vitoriosa campanha preparatória não o salvou dos militares

jornalista que o incomodava com suas perguntas. E, finalmente, mostrava-se propenso a barrar Pelé – por miopia. Em 4 de março, o Brasil perdeu para a Argentina no Beira-Rio (0 x 2) e o caldo começou a entornar. Uma vitória contra a mesma Argentina, quatro dias depois, no Maracanã (2 x 1) foi imediatamente ofuscada por um empate em 1 x 1 contra o modesto Bangu, em Moça Bonita. Assim, em 17 de março, uma terça-feira, após 407 dias como treinador, Saldanha foi demitido. Ou, oficialmente, a comissão técnica foi "dissolvida". A 75 dias da estréia no Mundial.

A CBD reagiu rápido e no dia seguinte nomeou Mario Jorge Lobo Zagalo. Bicampeão carioca pelo Botafogo em 1967 e 1968, ele tinha apenas três anos de carreira, mas uma valiosa experiência (como jogador) em Copas. Além disso, tinha um ótimo relacionamento com a cartolagem. E, principalmente, parecia não ter nada contra o golpe de 1964. Tanto que a aprovação não ficou só numa continência. A comissão técnica foi rapidamente militarizada. Quem chefiou a delegação brasileira no México foi o brigadeiro Jerônimo Bastos, secretariado pelo major Roberto Guarany. A assessoria incluía ainda a equipe da Escola de Educação Física do Exército: os capitães Cláudio Coutinho, Benedito José Bonetti e Kléber Caldas Camerino, mais o subtenente Raul Carlesso (preparador de goleiros). O Botafogo, time de Zagalo e do preparador físico Admildo Chirol, já treinava na Escola do Exército fazia tempo. E Chirol propôs que os militares dessem uma mãozinha à Seleção. Uma das novidades, que virou moda, foi a aplicação do teste de Cooper, para medir a resistência do atleta numa corrida de 12 minutos. A iniciativa de buscar a colaboração dos militares deu vários frutos: no México, os jogadores mostraram não apenas um incrível preparo físico como um corte de cabelo bem curtinho, estilo recruta. Nem o Exército húngaro havia conseguido fazer isso em 1954.

Zagalo chamou 26 jogadores para os treinamentos no Retiro dos Padres, em Itanhangá, estado do Rio. Por clube a divisão era: 5 do Botafogo, 5 do Cruzeiro, 5 do Santos, 3 do Corinthians, 2 do Fluminense, 2 do Palmeiras e 1 de Grêmio, Fla-

O BRASIL EM 1970

Eu te amo, meu Brasil

As músicas mais executadas nas rádios brasileiras em 1970 foram: "Foi um Rio que Passou em Minha Vida", com Paulinho da Viola; "Jesus Cristo", com Roberto Carlos; "Madalena", com Elis Regina; e "Eu Te Amo Meu Brasil", com Os Incríveis. Em março, "Apesar de Você", de Chico Buarque, foi liberada pela censura e fez sucesso durante 11 dias. Até os censores perceberem a quem se referia o você do título: a própria censura. A música foi proibida e os discos, recolhidos nas lojas.

Nos cinco anos entre 1968 e 1973, o Brasil foi o país que mais cresceu no mundo: o PIB aumentou 89% e o período ficou conhecido como "milagre econômico". Se em 1966 eram raras as famílias que possuíam automóvel, em 1970 a garagem passou a ser o centro das atenções, porque a classe média já tinha *dois* carros – sendo o segundo, o da "patroa". Por outro lado, o Brasil era governado por uma ditadura militar que censurava os meios de comunicação, os livros e os filmes. Desde fevereiro de 1969, estudantes "subversivos" estavam proibidos de se matricular em escolas. E a tortura virou uma ferramenta administrativa contra os "inimigos do regime". Mas nada disso aparecia nos noticiários. E o povo, ignorando o que ocorria nos porões, parecia viver feliz. O próprio Luiz Inácio Lula da Silva diria, muitos anos depois: "Se tivesse acontecido uma eleição direta para presidente em 1970, o general Médici ganharia disparado".

O general Emílio Garrastazu Médici, 60 anos, gaúcho de Bagé, substituíra o general Arthur da Costa e Silva, gaúcho de Taquari, que substituíra o marechal Humberto de Alencar Castello Branco, cearense de Fortaleza. Já não havia mais a ilusão de que o governo militar seria provisório. Mas a economia ia bem e havia emprego para todos. Além disso, Médici adorava futebol (bastava a Seleção entrar em campo para ele suspender qualquer reunião ministerial e grudar o ouvido no radinho de pilha – e todos sabiam disso).

Médici podia até ser fanático por futebol, mas tinha plena noção do efeito benéfico que o tricampeonato traria para o governo. Por isso, a Seleção foi militarizada. Essa providência resultou em duas coisas que são o beabá do Exército, mas que vinham faltando ao futebol brasileiro: disciplina e organização.

mengo, Vasco e Atlético. Confira a lista: Félix (Fluminense), Ado (Corinthians) e Leão (Palmeiras), goleiros; Carlos Alberto (Santos), Zé Maria (Corinthians), Everaldo (Grêmio) e Marco Antônio (Fluminense), laterais; Brito (Vasco), Baldocchi (Palmeiras), Joel (Santos) e Fontana (Cruzeiro), zagueiros; Clodoaldo (Santos), Piazza (Cruzeiro), Zé Carlos (Cruzeiro), Gérson (Botafogo), Rivelino (Corinthians) e Dirceu Lopes (Cruzeiro), meio-campistas; Rogério (Botafogo), Paulo César (Botafogo), Edu (Santos), Arílson (Flamengo), Pelé (Santos), Tostão (Cruzeiro), Roberto (Botafogo), Jairzinho (Botafogo) e Dario (Atlético), atacantes.

A voz das pesquisas

Antes do embarque para o México, Zagalo dirigiu a Seleção em sete amistosos no Brasil. Começou com o pé direito (5 x 0 no Chile), mas logo vieram exibições pouco convincentes e dois empates em 0 x 0 contra Paraguai e Bulgária B (a equipe do CSKA com dois reforços), em jogo que teve uma cena muito inusitada: Tostão com a camisa 10 e Pelé no banco, com a 13. Por algum motivo, Zagalo se convenceu de que Tostão e Pelé não podiam atuar juntos, embora os dois tivessem jogado por música nas eliminatórias. Tostão, então, passou a ser o reserva de Pelé e, no comando do ataque, foram testados o atleticano Dario – é claro – e o botafoguense Roberto. Outra tentativa foi passar Jairzinho para o meio do ataque e escalar Rogério, também do Botafogo, na ponta direita. E Rivelino já não tinha lugar na ponta esquerda: o novo titular era Paulo César, do Botafogo.

Havia a evidente suspeita de que Zagalo pretendia escalar o ataque alvinegro – Rogério, Gérson, Roberto, Jairzinho e Paulo César –, com a eventual adição de Pelé ou Tostão. Mas essa alternativa não tinha apoio popular. Uma pesquisa de *Placar* mostrava que 77% dos entrevistados queriam Rivelino no time (Gérson tinha 54% de aprovação). No ataque, Pelé e Tostão eram os preferidos (e Tostão até mais que Pelé: 84% a 73%).

Para evitar que a Seleção fosse vaiada em seu jogo de despedida, contra a Áustria, no Maracanã, Zagalo se dispôs a tentar a formação "sugerida" pelas pesquisas. Só não abriu mão de Rogério na direita, mas o substituiu por Jairzinho no segundo tempo. O Brasil, sem jogar bem, ganhou por 1 x 0 (gol de Rivelino) e começou a etapa final com Félix, Carlos Alberto, Brito, Piazza e Everaldo; Clodoaldo e Gérson; Jairzinho, Tostão, Pelé e Rivelino – exatamente a equipe do tri. Mas a mudança mais ousada, e que não constava em nenhuma pesquisa, foi o recuo do volante Wilson Piazza, do Cruzeiro, para a quarta zaga. Piazza confessou na semana seguinte ao jornal *O Estado de S. Paulo* que Zagalo só o avisara da nova função no vestiário, antes de entrar em campo. Após o jogo, foram anunciados os últimos cortes: Dirceu Lopes e Zé Carlos (ambos do Cruzeiro) e Arílson (do Flamengo). Rogério, do Botafogo, foi cortado por ordem médica. E, assim, **sem muita confiança** dos torcedores brasileiros, a Seleção partiu rumo ao México.

Uma pesquisa pré-Copa feita por *Placar* com 20 técnicos brasileiros revelou que, para eles, a favorita era a Inglaterra. Enquanto isso, nas casas de apostas de Londres a Seleção Brasileira era a mais cotada para ganhar a Copa: pagava só 4 por 1. A Inglaterra vinha em segundo, com 5 por 1. O jornal inglês *The Sun* atribuía o fato ao "desconhecimento dos apostadores". Apostar era uma mania dos londrinos e em 1970 havia 15 500 casas de apostas na cidade. Além de Brasil e Inglaterra, as seleções mais cotadas eram, pela ordem, Itália, Alemanha e Uruguai.

Primeiro e último

O Brasil desembarcou no México 30 dias antes da estréia (nenhuma outra Seleção chegou com tanta antecedência) e, como Zagalo prometeu, acabou ficando no país até o fim

No dia 2 de maio, sábado, o Brasil chegou ao aeroporto de Guadalajara ao meio-dia e foi recebido por 3 000 mexicanos. Fomos o primeiro país a desembarcar, 30 dias antes da estréia ("E seremos os últimos a ir embora", disse Zagalo). Os primeiros três dias foram de treinamentos leves, para adaptação à altitude. No dia 6, num jogo-treino contra um combinado local, na inauguração não-oficial do reformulado estádio Jalisco, o comércio fechou as portas – "Fomos ver Pelé" – e 50 000 pessoas lotaram as arquibancadas. Segunda maior cidade do México e distante 585 quilômetros da capital, Guadalajara adotou a Seleção. No dia 8, a delegação seguiu para Irapuato e se hospedou num recanto isolado – o Hotel Parador San Javier –, onde ficou treinando até o início do torneio.

Depois de qualquer Copa, quer o Brasil ganhe ou perca, sempre surgem histórias de conspirações. Esta merece crédito porque foi escrita antes da disputa. Em 15 de maio de 1970, *Placar* publicou uma entrevista com Gérson. Segundo o meia, ele, Pelé e Carlos Alberto haviam "respeitosamente" procurado Zagalo e manifestado a opinião de que a equipe que enfrentara a Áustria era a melhor. Zagalo concordara, mas não prometera nada. Tanto que, nos três amistosos que o Brasil fez contra as equipes do Guadalajara, do León e do Irapuato (três vitórias fáceis, com 11 gols a favor e só 2 contra), Zagalo voltou a testar Roberto, Dario e Paulo César. Só Rogério – que chegou ao México como titular – já não era mais dúvida: ele se machucou no primeiro jogo-treino e ficou fora do Mundial. A numeração das camisas, fornecida à Fifa no dia 30 de maio, mostrava que a equipe que enfrentara a Áustria era mesmo a titular (com exceção de Everaldo). Mesmo assim, as especulações continuaram até a véspera da estréia.

A loteca e a TV

Aproveitando o embalo da Copa, o governo federal instituiu a loteria esportiva (em fase de testes e apenas no Rio). A aposta mínima custava 2 cruzeiros novos e quem acertasse os 13 pontos levava 1 milhão de cruzeiros novos – fortuna equivalente ao valor pago pelo Corinthians ao Bangu, em 1968, por Paulo Borges, na maior transação do futebol brasileiro até então. A partir de agosto de 1970 (depois do Mundial), a Loteca virou mania nacional. Além disso, havia grande euforia entre os torcedores porque, finalmente, seria possível ver uma Copa ao vivo pela TV, via Embratel. Estatal criada em 1965, a Embratel foi oficialmente inaugurada em 28 de fevereiro de 1969, com a transmissão de uma bênção do papa Paulo VI, diretamente de Roma.

SEBASTIÃO MARINHO

Pelé dá autógrafos aos fãs mexicanos: o Brasil estava "em casa" em Guadalajara

Mas nem todos puderam ver os jogos pela telinha, porque os sinais só foram captados em Brasília e em uma centena de cidades do Sul e do Sudeste. Três empresas – Souza Cruz, Gillette e Esso – dividiram 4,5 milhões de cruzeiros novos em patrocínio.

A transmissão foi em rede unificada e seis locutores se revezaram: os cariocas Oduvaldo Cozzi e José Lino, os paulistas Walter Abraão, Fernando Solera e Geraldo José de Almeida e o mineiro Fernando Sasso. Todos eram bons, mas Almeida se tornou a "voz da Copa", com seu inesquecível grito de gol: "Olha lá, olha lá, olha lá, no placar!". Além disso, os telespectadores foram apresentados a outra novidade: o replay instantâneo. Embora muita gente jure que viu a Copa **em cores**, a transmissão foi mesmo em branco e preto. Só na sede da Embratel, em Itaboraí (RJ), e no tronco-sul da rede, o edifício Itália, em São Paulo, 100 convidados viram a camisa amarela, e não cinza.

A primeira transmissão em cores de um jogo pela TV só ocorreu em 19 de dezembro de 1972 – entre a Seleção de Caxias e o Grêmio, em Caxias do Sul (RS). O evento era parte da programação da Festa da Uva.

Templos da bola

Cinco estádios foram utilizados durante a Copa. O Jalisco foi o único reformado e ampliado especialmente para o torneio

Cidade	Estádio	Capacidade	Jogos
Cidade do México	Azteca	114 600	10
Guadalajara	Jalisco	57 000	8
Puebla	Cuauhtémoc	25 000	3
León	León	20 000	7
Toluca	La Bombonera	15 000	4

O Mundial, jogo a jogo

Mascote inocente

As Copas do Chile e da Inglaterra haviam mostrado que o futebol vinha descambando para a força bruta. Em 1970, havia o temor de que os mais fortes prevalecessem sobre os mais técnicos. Talvez por isso os mexicanos tenham criado uma mascote inocente: o garoto Juanito, de chapéu e uniforme da Seleção.

No dia 10 de janeiro de 1970, no Hotel Maria Isabel, na Cidade do México, foi realizado o sorteio dos grupos, numa cerimônia transmitida ao vivo pela TV para a Europa e a América do Norte. O sorteio seguiu algumas regras prévias, como a da separação dos países sul-americanos em grupos diferentes. Mas, no fim, ficou claro que o anfitrião México acabou beneficiado, por cair numa chave relativamente fácil. O sistema de disputa foi idêntico ao da Copa da Inglaterra: quatro grupos com quatro equipes, todos jogando contra todos, e os dois primeiros seguindo para as quartas-de-final. Em caso de empate, decisão pelo saldo de gols. E uma novidade: em caso de igualdade, vantagem para o país com mais gols marcados. Além da adoção dos cartões amarelos e vermelhos, e da possibilidade de substituições, houve mais uma mudança, mal recebida pela maioria dos jogadores: o horário. Muitos jogos, segundo o costume mexicano, foram marcados para o meio-dia.

Oitavas-de-final

GRUPO I **BÉLGICA, EL SALVADOR, MÉXICO e UNIÃO SOVIÉTICA**

Reservas em campo

A cerimônia de abertura, que começou às 11h20 e durou quase 40 minutos, sob uma canícula de 32 graus, requeria a presença das equipes em campo. Precavido, o técnico soviético mandou os reservas colocarem uniforme e rumarem para o gramado. Ao ser avisado da manobra, o técnico mexicano fez a mesma coisa.

Bola científica

A Adidas fabricou, especialmente para a Copa, as bolas Telstar, de 32 gomos pentagonais – metade deles pretos, metade brancos. As bolas usadas até a Copa de 1966 eram marrons, com 16 gomos. Telstar, palavra que na época era sinônimo de avanço científico, foi o nome do primeiro satélite de comunicações lançado pelos Estados Unidos, em julho de 1962.

MÉXICO 0 x 0 UNIÃO SOVIÉTICA

Data: 31 de maio de 1970, domingo
Horário: 12 horas
Estádio: Azteca, na Cidade do México
Público estimado: 107 237 pessoas
México – *Calderón, Vantolra, Peña, Guzmán, Perez e Hernandez; Pulido, Velarde (Munguia) e Valdivia; Fragoso e Lopez.*
Técnico: Raul Cárdenas
União Soviética – *Kavasashvili, Kaplichny, Shesternev (Puzach), Lovchev e Logofet; Asatiani, Muntyan e Serebrianikov; Byshovets, Evryushikin e Nodya (Kmelnitski).*
Técnico: Gavril Katchalin
Juiz: Kurt Tschenscher (Alemanha Ocidental)
Auxiliares: Taylor (Inglaterra) e Dunstan (Bermudas)

O gol virou miragem

Depois dos tradicionais discursos oficiais, da revoada de pombos e das demonstrações musicais, incluindo os infalíveis *mariachis*, a bola rolou ao meio-dia em ponto. Antes da Copa, em 1969, o México fizera sete jogos na Europa, conseguindo uma vitória, dois empates e quatro derrotas. E a torcida sabia o que faltava ao time: ataque. Uma piada dizia que a Seleção se dividia em dois setores: o defensivo e o inofensivo. Para complicar, o principal atacante, Enrique Borja, do América, estava machucado. Não bastasse tudo isso, quatro dias antes da Copa o armador Alberto Onofre, do Guadalajara, sofreu fratura dupla da perna esquerda durante um treino. As baixas afetaram o moral dos mexicanos, que entraram em campo receosos. Já a União Soviética parecia temer a altitude e o calor. Assim, todos procuraram se preservar: o México com um líbero à frente dos quatro zagueiros e os soviéticos com um jogador na sobra, atrás dos quatro zagueiros. Com tantos cuidados, o gol se tornou uma miragem e o jogo acabou 0 x 0. Apesar disso, a partida deixou três registros para a memória das Copas. Aos 34 minutos do primeiro tempo, o zagueiro Evgeny Lovchev recebeu o primeiro cartão amarelo, por uma falta em Valdivia. No segundo tempo, Albert Shesternev não voltou e Anatoly Puzach veio em seu lugar, na primeira substituição. E, finalmente, o mundo conheceu pela TV a maior contribuição do México ao futebol mundial: a *hola*.

BÉLGICA 3 x 0 EL SALVADOR

Data: 3 de junho de 1970, quarta-feira
Horário: 16 horas
Estádio: Azteca, na Cidade do México
Público: 92 200 pessoas
Gols: *Van Moer* (13 do 1º); *Van Moer* (10) e *Lambert* (pênalti, 35 do 2º)
Bélgica – *Piot, Heylens, Dewalque, Thissen e Dockx; Semmeling (Polleunis), Van Moer e Puis; Lambert, Devrindt e Van Himst.*
Técnico: Raymond Goethals
El Salvador – *Magana, Rivas, Mariona, Osorio e Manzano (Cortez); Quintanilla, Vasquez e Cabezas; Rodriguez (Sermeno), Martinez e Aparicio.*
Técnico: Hernán Carrasco
Juiz: Andrei Radulescu (Romênia)
Auxiliares: Glockner (Alemanha Oriental) e Tschenscher (Alemanha Ocidental)

Preparo versus técnica

Antes da Copa, o técnico salvadorenho havia declarado que o grande diferencial de sua equipe era o preparo físico. Mas a técnica da Bélgica – especialmente de Van Himst – era muito superior. Os belgas fizeram 3 gols sem muito esforço e, depois do terceiro, a defesa de El Salvador passou a distribuir botinadas – provocando vaias.

UNIÃO SOVIÉTICA 4 x 1 BÉLGICA

Data: 7 de junho de 1970, domingo
Horário: 16 horas
Estádio: Azteca, na Cidade do México
Público estimado: 95 260 pessoas
Gols: *Byshovets* (14 do 1º); *Asatiani* (12), *Byshovets* (18), *Kmelnitski* (31) e *Lambert* (41 do 2º)
União Soviética – *Kavasashvili, Kaplichny (Lovchev), Shesternev, Dzodzuashvili (Kiselev) e Khurtzilava; Asatiani, Muntyan e Afonin; Byshovets, Evryushikin e Kmelnitski.*
Técnico: Gavril Katchalin
Bélgica – *Piot, Heylens, Dewalque, Thissen, Jeck e Dockx; Semmeling, Van Moer e Puis; Lambert e Van Himst.*
Técnico: Raymond Goethals
Juiz: Rudolf Scheurer (Suíça)
Auxiliares: Davidson (Escócia) e Landauer (Estados Unidos)

Tática eficaz

Na Copa de 1966, a União Soviética havia eliminado a favorita Hungria ao colocar Voronin grudado em Florian Albert, o craque adversário. A tática se repetiu neste jogo, com Afonin colado em Van Himst (deixando a Bélgica sem sua única opção para armar jogadas).

A média distância

Os atacantes soviéticos estavam com os pés calibrados e acertaram chutes de média distância. Dois deles entraram e, depois, com tranqüilidade, o time chegou aos 4 x 0. A Bélgica só conseguiu fazer seu gol no finzinho, com Lambert aproveitando o rebote de um chute de Van Himst na trave.

MÉXICO 4 x 0 EL SALVADOR

Data: 7 de junho de 1970, domingo
Horário: 12 horas
Estádio: Azteca, na Cidade do México
Público: 103 060 pessoas
Gols: *Valdivia* (45 do 1º); *Valdivia* (1), *Fragoso* (13) e *Basaguren* (38 do 2º)
México – *Calderón, Vantolra, Peña, Guzmán e Perez; Gonzalez, Munguia e Valdivia; Fragoso, Borja (Lopez, depois Basaguren) e Padilla.*
Técnico: Raul Cárdenas
El Salvador – *Magana, Rivas, Mariona, Osorio e Cortez (Monge); Quintanilla, Vasquez e Cabezas; Rodriguez, Martinez e Aparicio (Mendez).*
Técnico: Hernán Carrasco
Juiz: Aly Kandil (Egito)
Auxiliares: Dunstan (Bermudas) e Taylor (Inglaterra)

Bom humor

No fim do jogo, o técnico salvadorenho Hernán Carrasco até fez uma piada: a Copa era uma outra guerra para El Salvador, só que os inimigos eram muito mais fortes.

O juiz atrapalhou

O ídolo mexicano Borja estreou, mas El Salvador segurou o jogo até o último minuto do primeiro tempo. Aí, o juiz estragou tudo. Ele marcou uma falta contra o México, junto à linha lateral. Ou, pelo menos, foi isso que os salvadorenhos entenderam. Quando eles se preparavam para a cobrança, o mexicano Padilla tocou rápido para Borja, que correu e cruzou para a área. Valdivia, sem marcação, fez o gol. Sob indignados protestos, Kandil confirmou o gol e ainda aplicou três cartões amarelos. No segundo tempo, veio a goleada.

Desculpa aí
Ao término da partida, como que pedindo desculpas pelos acontecimentos do jogo anterior, a torcida mexicana aplaudiu os jogadores de El Salvador.

UNIÃO SOVIÉTICA 2 x 0 EL SALVADOR

Data: 10 de junho de 1970, quarta-feira
Horário: 16 horas
Estádio: Azteca, na Cidade do México
Público: 89 980 pessoas
Gols: *Byshovets* (6 e 29 do 2º)
União Soviética – *Kavasashvili, Shesternev, Dzodzuashvili, Kiselev (Asatiani) e Khurtzilava; Serebrianikov, Muntyan e Afonin; Byshovets, Puzach (Evryushikin) e Kmelnitski.*
Técnico: Gavril Katchalin
El Salvador – *Magana, Rivas, Mariona, Osorio e Monge; Castro, Vasquez e Cabezas (Aparicio); Rodriguez (Sermeno), Portillo e Mendez.*
Técnico: Hernán Carrasco
Juiz: Rafael Hormazabal (Chile)
Auxiliares: Coerezza (Argentina) e Morais (Brasil)

Tudo pela honra
Sem chances de classificação, os salvadorenhos jogaram pela honra. Mas só deu para suportar a pressão até o início do segundo tempo. Dois gols de Byshovets selaram a classificação soviética para as quartas-de-final.

Que *fiesta*
As celebrações na Cidade do México foram até o alvorecer do dia seguinte, como se os mexicanos já intuíssem que aquela seria a última festa que fariam por sua Seleção em 1970.

Desempate
México e União Soviética terminaram com o mesmo número de pontos e o mesmo saldo de gols (5). Os soviéticos ficaram em primeiro pelo critério dos gols a favor (6 contra 5 dos mexicanos).

MÉXICO 1 x 0 BÉLGICA

Data: 11 de junho de 1970, quinta-feira
Horário: 16 horas
Estádio: Azteca, na Cidade do México
Público: 108 190 pessoas
Gol: *Peña* (pênalti, 14 do 1º)
México – *Calderón, Vantolra, Peña, Guzmán e Perez; Gonzalez, Munguia e Pulido; Valdivia (Basaguren), Fragoso e Padilla.*
Técnico: Raul Cárdenas
Bélgica – *Piot, Heylens, Dewalque, Thissen, Jeck e Dockx; Semmeling, Van Moer e Puis; Polleunis (Devrindt) e Van Himst.*
Técnico: Raymond Goethals
Juiz: Angel Coerezza (Argentina)
Auxiliares: Landauer (Estados Unidos) e Hormazabal (Chile)

Outra mãozinha do juiz
O México só precisava do empate, mas aos 14 minutos o juiz marcou um controvertido pênalti contra a Bélgica. O zagueiro Jeck chutou a bola e, na seqüência, trombou com Valdivia, que vinha na corrida. Os belgas reclamaram inutilmente. Peña cobrou e marcou o gol que garantiu a passagem dos donos da casa para quartas-de-final.

Oitavas-de-final

GRUPO II **ISRAEL, ITÁLIA, SUÉCIA e URUGUAI**

Receita boa
Antes da Copa, o Uruguai venceu todos os amistosos que disputou – sempre num cauteloso esquema 4-5-1, com Cubilla sozinho no ataque.

URUGUAI 2 x 0 ISRAEL

Data: 2 de junho de 1970, terça-feira
Horário: 16 horas
Estádio: Cuauhtémoc, em Puebla
Público: 20 650 pessoas
Gols: *Maneiro* (23 do 1º); *Mujica* (6 do 2º)
Uruguai – *Mazurkiewicz, Ubiña, Ancheta, Matosas e Mujica; Montero Castillo, Pedro Rocha (Cortes) e Maneiro; Cubilla, Esparrago e Losada.*
Técnico: Juan Hohberg
Israel – *Visoker, Schwager, Rosen, Rosenthal e Primo; Spiegel, Spiegler e Shum; Fiegenbaum, Rom (Vallach) e Talbi (Bar).*
Técnico: Emmanuel Scheffer
Juiz: Robert Davidson (Escócia)
Auxiliares: Scheurer (Suíça) e Tarrekegn (Etiópia)

Vitória e prejuízo
Os uruguaios entraram com um esquema defensivo e venceram Israel com 1 gol em cada tempo. Mas saíram no prejuízo: logo aos 13 minutos do primeiro tempo, Pedro Rocha, o mais talentoso e lúcido do time, sofreu um entorse e teve de ser substituído.

ITÁLIA 1 x 0 SUÉCIA

Data: 3 de junho de 1970, quarta-feira
Horário: 16 horas
Estádio: La Bombonera, em Toluca
Público: 13 430 pessoas
Gol: *Domenghini* (11 do 1º)
Itália – *Albertosi, Burgnich, Cera, Niccolai (Rosato) e Fachetti; Bertini, Mazzola e De Sisti; Domenghini, Boninsegna e Riva.*
Técnico: Ferruccio Valcareggi
Suécia – *Hellström, Olsson, Norqvist, Axelsson e Grip; Bo Larsson (Niklasson), Svensson e Grahn; Eriksson (Edjerstedt), Kindvall e Cronqvist.*
Técnico: Orvar Bergmark
Juiz: Jack Taylor (Inglaterra)
Auxiliares: Scheurer (Suíça) e Kandil (Egito)

Ataques ruins

Com 2 576 metros de altitude, Toluca era a mais alta das cidades da Copa. Talvez por isso, ou talvez pelo fato de nenhuma ßdas quatro equipes do grupo II ser reconhecida pela vontade de atacar, todas as partidas tiveram resultados magros.

O frango decidiu

A vitória italiana foi um acidente: o goleiro Hellström engoliu um frango num chute rasteiro e fraco de Domenghini. De resto, as defesas anularam os ataques. O técnico da Itália deu início a uma polêmica que se estendeu por toda a Copa: segundo ele, Mazzola e Rivera, dois talentosos meias, não podiam jogar juntos. Rivera só não foi embora porque o presidente da Federação o convenceu a colaborar.

ITÁLIA 0 x 0 URUGUAI

Data: 6 de junho de 1970, sábado
Horário: 16 horas
Estádio: Cuauhtémoc, em Puebla
Público: 19 970 pessoas
Itália – *Albertosi, Burgnich, Cera, Rosato e Fachetti; Bertini, Mazzola e De Sisti; Domenghini (Furino), Boninsegna e Riva.*
Técnico: Ferruccio Valcareggi
Uruguai – *Mazurkiewicz, Ubiña, Ancheta, Matosas e Mujica; Montero Castillo, Cortes e Maneiro; Cubilla, Esparrago e Bareño (Zubia).*
Técnico: Juan Hohberg
Juiz: Rudolf Glockner (Alemanha Oriental)
Auxiliares: Tschenscher (Alemanha Ocidental) e Horvat (Hungria)

Cadê Riva?

Em dois jogos, Riva não marcou nenhum gol. No último amistoso antes do Mundial, a Itália venceu Portugal por 2 x 1, com 2 gols dele. Mas, desde então, o grande *cannoniere* estava "em branco".

Empatezinho muito cômodo

Sem poder contar com o talento de Pedro Rocha, os uruguaios se fecharam mais ainda. Como a Itália também não era muito de arriscar, o 0 x 0 agradou às duas equipes, que haviam vencido na primeira rodada. Rivera continuou no banco.

SUÉCIA 1 x 1 ISRAEL

Data: 7 de junho de 1970, domingo
Horário: 12 horas
Estádio: La Bombonera, em Toluca
Público: 9 620 pessoas
Gols: *Turesson* (8) *e Spiegler* (11 do 2º)
Suécia – *Sven Larsson, Olsson, Selander, Axelsson e Grip; Bo Larsson, Svensson e Nordahl; Turesson, Kindvall e Persson (Palsson).*
Técnico: Orvar Bergmark
Israel – *Visoker, Schwager, Rosen, Rosenthal e Primo; Spiegel, Spiegler e Shum; Fiegenbaum, Vallach (Shuruk) e Bar.*
Técnico: Emmanuel Scheffer
Juiz: Seyoum Tarrekegn (Etiópia)
Auxiliares: Horvat (Hungria) e Radulescu (Romênia)

Substituições

Na Suécia, o goleiro Hellström, abalado pelo frango engolido contra a Itália, pediu para não jogar e foi atendido. E o armador Ove Grahn, principal articulador do time, também não pôde ser escalado, por causa de uma fisgada na perna.

Pancadaria e zebra

Um jogo inesperadamente violento e a primeira minizebra: ninguém esperava que Israel saísse com algum ponto. A Suécia abriu o placar, mas 5 minutos depois Mordechai Spiegler acertou um chute indefensável de fora da área, empatando o jogo. E a Suécia não encontrou forças para reagir. Com o empate, as duas equipes ficaram praticamente eliminadas.

SUÉCIA 1 x 0 URUGUAI

Data: 10 de junho de 1970, quarta-feira
Horário: 16 horas
Estádio: Cuauhtémoc, em Puebla
Público: 18 160 pessoas
Gol: *Grahn* (46 do 2º)
Suécia – *Sven Larsson, Norqvist, Selander, Axelsson e Grip; Bo Larsson, Svensson e Niklasson (Grahn); Eriksson, Kindvall (Turesson) e Persson.*
Técnico: Orvar Bergmark
Uruguai – *Mazurkiewicz, Ubiña, Ancheta, Matosas e Mujica; Montero Castillo, Cortes e Maneiro; Zubia, Esparrago (Fontes) e Losada.*
Técnico: Juan Hohberg
Juiz: Henry Landauer (Estados Unidos)
Auxiliares: Taylor (Inglaterra) e Radulescu (Romênia)

O Uruguai se segurou

O juiz brasileiro Airton Vieira de Morais, o Sansão, estava escalado para apitar o jogo. Mas rumores de um suborno uruguaio (posteriormente desmentidos pela Fifa) levaram à sua substituição pelo norte-americano Landauer. Para se classificar, a Suécia precisava vencer o Uruguai por 2 gols de diferença. O problema é que o Uruguai não havia levado mais que 1 gol por jogo em suas 15 exibições anteriores (normalmente, não levava nenhum). Sem Cubilla, poupado por dores musculares, o Uruguai já entrou fechado. E se trancou de vez aos 15 minutos do segundo tempo, quando o técnico Hohberg substituiu o centroavante Esparrago pelo volante Fontes. Para piorar, a Suécia perdeu seu principal atacante, Kindvall, machucado, no início do segundo tempo. A 6 minutos do fim da partida, o técnico sueco fez entrar em campo o meia Grahn, ainda não inteiramente recuperado. E ele acabou anotando o único gol da partida, de cabeça, já nos descontos. Mas o 1 x 0 não foi suficiente para a Suécia. E o Uruguai conseguiu passar sem sustos para as quartas-de-final.

ITÁLIA 0 x 0 ISRAEL

Data: 11 de junho de 1970, quinta-feira
Horário: 16 horas
Estádio: La Bombonera, em Toluca
Público: 14 000 pessoas
Itália – *Albertosi, Burgnich, Cera, Rosato e Fachetti; Bertini, Mazzola e De Sisti; Domenghini (Rivera), Boninsegna e Riva.*
Técnico: Ferruccio Valcareggi
Israel – *Visoker, Schwager, Rosen, Rosenthal e Primo; Bello, Spiegel, Spiegler e Shum; Fiegenbaum (Rom) e Bar.*
Técnico: Emmanuel Scheffer
Juiz: Airton Vieira de Morais (Brasil)
Auxiliares: Tschenscher (Alemanha Ocidental) e Tarrekegn (Etiópia)

Rivera e Mazzola juntos

A Itália não precisava ganhar e Israel não queria perder. Mas, para alegria da imprensa italiana, o técnico Valcareggi capitulou e a *Azzurra* voltou para o segundo tempo com Rivera e Mazzola. Como que a dar razão ao treinador, porém, os dois se embolaram pela esquerda e pouco produziram. E Riva, novamente, não conseguiu achar espaços na defesa israelense. A Itália reclamou da arbitragem do brasileiro Airton Vieira de Morais, que teria anulado erradamente 2 gols (de Riva e Bertini) e deixado de marcar um pênalti sobre Mazzola. Mas, como o empate era suficiente para a Itália, a gritaria parou assim que o jogo acabou. Mesmo com a desclassificação, Israel teve a melhor campanha entre os considerados pequenos da Copa (terminou com 2 pontos em três apresentações). Talvez porque, como o Brasil já havia feito em 1958, os israelenses foram os únicos a levar um psicólogo para o Mundial, o norte-americano Arie Nescher. Este foi um grupo diet, com apenas 6 gols marcados em seis jogos. A Itália conseguiu ser campeã do grupo marcando 1 único golzinho. E o Uruguai ficou com o segundo lugar pelo saldo de gols (1, contra 0 da Suécia).

Oitavas-de-final

GRUPO III BRASIL, INGLATERRA, ROMÊNIA e TCHECOSLOVÁQUIA

INGLATERRA 1 x 0 ROMÊNIA

Data: 2 de junho de 1970, terça-feira
Horário: 16 horas
Estádio: Jalisco, em Guadalajara
Público: 50 560 pessoas
Gol: *Hurst* (19 do 2º)
Inglaterra – *Banks, Newton (Wright), Labone, Moore e Cooper; Mullery, Bobby Charlton e Ball; Peters, Lee (Osgood) e Hurst.*
Técnico: Alf Ramsey
Romênia – *Adamache, Satmareanu, Dinu, Lupescu e Mocanu; Dumitru, Tataru (Neagu) e Nunweiller; Dembrovski, Dumitrache e Lucescu.*
Técnico: Angelo Niculescu
Juiz: Vital Loraux (Bélgica)
Auxiliares: Machin (França) e De Leo (México)

Pouco futebol

O técnico inglês Alf Ramsey havia declarado que não mudaria nada em relação a 1966, porque, dos 35 jogos disputados desde então, os ingleses haviam perdido apenas quatro (o melhor retrospecto entre todas as seleções de primeira linha). Só que, na estréia na Copa, a Inglaterra não impressionou: apenas Bobby Charlton fez jus à fama, defendendo, armando e atacando. Sem inspiração, o gol saiu aos 19 minutos do segundo tempo. Ball levantou para a área, Lee desviou de cabeça e Hurst, pela esquerda, sem muito ângulo, chutou rasteiro e contou com a colaboração do goleiro romeno, Adamache.

BRASIL 4 x 1 TCHECOSLOVÁQUIA

Data: 3 de junho de 1970, quarta-feira
Horário: 16 horas
Estádio: Jalisco, em Guadalajara
Público: 52 890 pessoas
Gols: *Petrás* (12) *e Rivelino* (24 do 1º); *Pelé* (15), *Jairzinho* (19 e 38 do 2º)
Brasil – *Félix, Carlos Alberto, Brito, Piazza (Fontana) e Everaldo; Clodoaldo, Gérson (Paulo César) e Rivelino; Jairzinho, Tostão e Pelé.*
Técnico: Mario Jorge Lobo Zagalo
Tchecoslováquia – *Viktor, Dobiás, Migas, Horváth e Hagara; Hrdlicka (Kvasnák), Kuna e Frantisek Vesely (Bohumil Vesely); Petrás, Adamec e Jokl.*
Técnico: Josef Marko
Juiz: Ramón Barreto (Uruguai)
Auxiliares: Yamazaki (Peru) e Klein (Israel)

Jogo inesquecível

O jogo teve vários momentos inesquecíveis, mas começou com um lance de arrepiar: com apenas 12 minutos, Brito tinha a bola dominada, mas errou um passe simples para Clodoaldo e entregou a bola nos pés de Petrás. O tcheco avançou e chutou no ângulo direito de Félix: 1 x 0. Rivelino – que receberia dos mexicanos o apelido de Patada Atômica – empatou aos 24 minutos, de falta. Aos 26 minutos, Tostão se tornou o primeiro brasileiro a levar um cartão amarelo numa Copa. Aos 29 minutos, um instante mágico, até hoje lembrado quando alguém faz um gol do meio do campo e o locutor informa: "Fulano fez o gol que Pelé tentou e não conseguiu". A diferença é que antes de Pelé tentar ninguém havia pensado em chutar dali. Muito menos Viktor, o goleiro tcheco. Ele estava tranqüilo, na marca do pênalti, quando percebeu a bola na direção do gol. O chute percorreu 55 metros e a bola saiu a meio metro da trave esquerda. Num jogo limpo, com poucas faltas (14 no total, sendo 8 do Brasil), a Seleção desencabulou no segundo tempo. Primeiro, com 1 gol de Pelé, matando no peito um lançamento de 35 metros de Gérson e chutando no canto direito. Quatro minutos mais tarde, outro lançamento de Gérson achou Jairzinho sozinho. Ele correu, deu um chapéu em Viktor e fez o terceiro gol, sensacional. O quarto, também de Jairzinho, foi ainda mais bonito: o ponta pegou a bola na intermediária, passou por Hagara, por Horváth, por Hagara novamente e chutou rasteiro no canto direito do goleiro adversário. Gérson, com uma fisgada na coxa, acabou substituído por Paulo César e saiu chorando de campo. Já Fontana entrou no lugar de Piazza apenas por precaução – o titular sentiu uma dorzinha muscular e Zagalo achou por bem poupá-lo para os compromissos seguintes.

No xadrez

No dia 20 de maio, a Inglaterra venceu a Colômbia num amistoso em Bogotá, por 4 x 0. Mas, no aeroporto, o zagueiro e capitão Bobby Moore acabou preso, acusado de roubar uma pulseira de ouro na joalheria do Hotel Taquendama. Moore ficou quatro dias sob custódia.

Torcida contra

Antes da Copa, o disco Back Home, gravado pelos jogadores, chegou ao primeiro lugar das paradas londrinas. Mas, em Guadalajara, a torcida hostilizou a Inglaterra, o que fez a Romênia se sentir "em casa" no jogo de abertura do grupo III.

Audiência recorde

Às 19 horas de Brasília registrou-se o recorde de audiência em um evento esportivo na TV brasileira: todos os canais transmitiam a mesma imagem.

O time titular

A numeração das camisas do Brasil indicava que o lateral Marco Antônio, inscrito com o número 6, havia perdido a posição para Everaldo – segundo alguns rumores, por excesso de máscara.

Sinal da cruz

Na comemoração do gol tcheco, Petrás ajoelhou-se na lateral do campo e fez uma versão do sinal da cruz, gesto que foi imitado por Jairizinho nos jogos seguintes do Brasil.

Confiança total

Os 45 minutos de ótimo futebol mostrados no segundo tempo foram suficientes para apagar todas as incertezas. Na semana anterior, 60% dos brasileiros acreditavam que a Seleção seria campeã do mundo. Um dia depois da vitória na estréia, já eram 82%.

ROMÊNIA 2 x 1 TCHECOSLOVÁQUIA

Data: 6 de junho de 1970, sábado
Horário: 16 horas
Estádio: Jalisco, em Guadalajara
Público: 46 820 pessoas
Gols: *Petrás* (4 do 1º); *Neagu* (8) e *Dumitrache* (pênalti, 33 do 2º)
Romênia – *Adamache, Satmareanu, Dinu, Lupescu e Mocanu; Dumitru (Ghergheli), Neagu e Nunweiller; Dembrovski, Dumitrache e Lucescu (Tataru).*
Técnico: Angelo Niculescu
Tchecoslováquia – *Vencel, Dobiás, Migas, Horváth e Zlocha; Kvasnák, Kuna e Bohumil Vesely; Petrás, Jurkanin (Adamec) e Jokl (Frantisek Vesely).*
Técnico: Josef Marko
Juiz: Diego De Leo (México)
Auxiliares: Loraux (Bélgica) e Emsberger (Hungria)

Virada à romena

Logo no começo do jogo, Petrás, numa cabeçada voadora, fez seu segundo gol na Copa e seu segundo sinal da cruz. Mas a Romênia reagiu no segundo tempo, empatando com 1 gol meio sem ângulo de Neagu e conseguindo a vitória depois que Zlocha agarrou Neagu na área. Dumitrache bateu e manteve vivas as esperanças romenas na Copa.

Mudança tática

Gérson, machucado, não pôde jogar. Rivelino foi para a armação e Paulo César entrou na ponta esquerda.

Só no chuveirinho

Antes do jogo, havia uma grande preocupação: o ponto forte dos ingleses – os chuveirinhos para a área – era exatamente o ponto fraco do Brasil – a deficiência de Félix para sair do gol. No total, os ingleses fizeram 19 chuveirinhos para a área brasileira, consagrando o zagueiro Brito.

Sorte danada

Foi uma grande vitória da Seleção Brasileira, mas foram também 90 minutos de muita apreensão. Em entrevista à ESPN, 25 anos depois daquela tarde de domingo, Pelé confessou: "O Brasil deu uma sorte danada naquele jogo".

BRASIL 1 x 0 INGLATERRA

Data: 7 de junho de 1970, domingo
Horário: 12 horas
Estádio: Jalisco, em Guadalajara
Público: 57 108 pessoas
Gol: *Jairzinho* (14 do 2º)
Brasil – *Félix, Carlos Alberto, Brito, Piazza (Fontana) e Everaldo; Clodoaldo, Rivelino e Paulo César; Jairzinho, Tostão (Roberto) e Pelé.*
Técnico: Mario Jorge Lobo Zagalo
Inglaterra – *Banks, Wright, Labone, Moore e Cooper; Mullery, Bobby Charlton (Astle) e Ball; Peters, Lee (Bell) e Hurst.*
Técnico: Alf Ramsey
Juiz: Abraham Klein (Israel)
Auxiliares: Machin (França) e Yamazaki (Peru)

O gol mais bonito

O Brasil jogou com cautela no primeiro tempo, o que deu aos ingleses um leve domínio. Dois lances foram marcantes. Aos 11 minutos, Jairzinho foi à linha de fundo e cruzou na cabeça de Pelé. Era gol certo. A bola foi no cantinho direito, mas Banks voou e deu um golpe de caratê na bola mandando-a por cima, rente ao travessão. Aos 26 minutos, Lee entrou de peixinho e Félix fez uma grande defesa. No rebote, Lee chutou a bola e o pescoço de Félix. No lance seguinte, Carlos Alberto deu uma solada escancarada em Lee e tomou cartão amarelo. Mas, daí em diante, Lee desapareceu em campo – acabou substituído por Bell. No segundo tempo, o Brasil conseguiu o gol – o mais bonito da Copa – num lance que por pouco não acontece. Tostão viu Roberto na beira do campo, para substituí-lo. Sabendo que seria sua última participação, Tostão pegou a bola na intermediária inglesa e partiu para a área. Pela esquerda, deu três dribles curtos e cruzou. Pelé matou a bola na marca do pênalti e tocou de lado para Jairzinho, que chutou no ângulo

LEMYR MARTINS

direito na saída de Banks. Tostão ainda ficou mais 9 minutos em campo (e só então Roberto entrou). Aos 19 minutos, Bobby Charlton, 33 anos, que havia corrido uma barbaridade, cansou e foi substituído. Isso significava que a Inglaterra estava abdicando do toque de bola para atacar de chuveirinho. E em dois deles o Brasil quase morreu de susto. No primeiro, Everaldo errou o chute e a bola sobrou limpinha na marca do pênalti para Astle, que chutou para fora, a um palmo da trave esquerda. No segundo, Félix saiu mal, Bell pegou a sobra e chutou no travessão. O Brasil estava a um passo das quartas.

BRASIL 3 x 2 ROMÊNIA

Data: 10 de junho de 1970, quarta-feira
Horário: 16 horas
Estádio: Jalisco, em Guadalajara
Público: 50 805 pessoas
Gols: *Pelé* (20), *Jairzinho* (22) e *Dumitrache* (33 do 1º); *Pelé* (21) e *Dembrovski* (38 do 2º)
Brasil – *Félix, Carlos Alberto, Brito, Fontana e Everaldo (Marco Antônio); Clodoaldo (Edu), Piazza e Paulo César; Jairzinho, Tostão e Pelé.*
Técnico: Mario Jorge Lobo Zagalo
Romênia – *Adamache (Raducanu), Satmareanu, Dinu, Lupescu e Mocanu; Dumitru, Neagu e Nunweiller; Dembrovski, Dumitrache (Tataru) e Lucescu.*
Técnico: Angelo Niculescu
Juiz: Ferdinand Marschall (Áustria)
Auxiliares: Barreto (Uruguai) e Loraux (Bélgica)

Faltou a goleada

A Romênia achou as brechas que tchecos e ingleses não conseguiram encontrar. O Brasil acabou beneficiado por uma bela atuação de Pelé e pelo inesperado nervosismo do goleiro Adamache, que falhou no primeiro gol. Apenas 2 minutos depois, Jairzinho marcou o segundo, numa jogada de Paulo César, que driblou Satmareanu e cruzou rasteiro na pequena área. Parecia fácil, mas, aos 33 minutos, a defesa brasileira bateu cabeça e Dumitrache descontou. No intervalo, o técnico romeno substituiu o frágil goleiro por Raducanu. E Zagalo trocou Everaldo por Marco Antônio, que apoiava melhor. Numa jogada esperta e acrobática de Tostão (toque de calcanhar para Pelé na cobrança de um lateral), o Brasil fez 3 x 1. Aos 38 minutos, Satmareanu cruzou da direita, Félix saiu mal e Dembrovski, de cabeça, meio sem querer, marcou o segundo gol romeno. A torcida, que esperava uma goleada, ficou meio frustrada. Mas o importante é que o Brasil tinha ganho seus três jogos e estava embalando. A preocupação continuava sendo a defesa.

Mais um fora

Além de não poder contar com Gérson, o Brasil ficou também sem Rivelino. Piazza foi para o meio de campo e Fontana, do Cruzeiro, entrou na quarta zaga, repetindo a dupla com Brito que durante anos fez sucesso no Vasco.

Seleção do grupo

Os jornalistas internacionais que cobriam a Copa votaram na "Seleção do grupo III". Na defesa, Banks, Dobiás, Dinu, Moore e Cooper. Os brasileiros só apareciam do meio de campo para a frente.

INGLATERRA 1 x 0 TCHECOSLOVÁQUIA

Data: 11 de junho de 1970, quinta-feira
Horário: 16 horas
Estádio: Jalisco, em Guadalajara
Público: 49 000 pessoas
Gol: *Clarke* (pênalti, 4 do 2º)
Inglaterra – *Banks, Newton, Jack Charlton, Moore e Cooper; Mullery, Bobby Charlton (Ball) e Bell; Clarke, Astle (Osgood) e Peters.*
Técnico: Alf Ramsey
Tchecoslováquia – *Viktor, Dobiás, Migas, Hrivnák e Hagara; Frantisek Vesely, Pollack e Kuna; Petrás, Adamec e Jokl (Capkovic).*
Técnico: Josef Marko
Juiz: Roger Machin (França)
Auxiliares: Aguilar (México) e Maruyama (Japão)

Frustração tcheca

Com a vitória do Brasil sobre a Romênia na véspera, um empate bastava para a Inglaterra se classificar. Confiante, o técnico Ramsey deu folga para alguns titulares e aproveitou para fazer experiências no ataque. Mesmo jogando mal, a Inglaterra venceu com 1 gol de pênalti no começo do segundo tempo – numa marcação controvertida do juiz, já que Hrivnák caiu sobre a bola e não pôde evitar que ela tocasse em seu braço. De qualquer forma, a Tchecoslováquia mereceu a derrota e foi a grande decepção do grupo, despedindo-se da Copa com três derrotas, na sua pior participação em Mundiais.

Oitavas-de-final

GRUPO IV **ALEMANHA OCIDENTAL, BULGÁRIA, MARROCOS e PERU**

PERU 3 x 2 BULGÁRIA

Data: 2 de junho de 1970, terça-feira
Horário: 16 horas
Estádio: León, em León
Público: 13 760 pessoas
Gols: *Dermendjiev* (12 do 1º); *Bonev* (4), *Gallardo* (6), *Chumpitaz* (9) e *Cubillas* (28 do 2º)
Peru – *Rubiños, Campos (Javier Gonzalez), De La Torre, Chumpitaz e Fuentes; Mifflin, Baylon (Sotil) e Cubillas; Challe, 'Perico' Léon e Gallardo.*
Técnico: Valdir Pereira (Didi)
Bulgária – *Simeonov, Chalamanov, Dimitrov, Davidov e Aladjov; Penev, Bonev (Asparukhov) e Yakimov; Popov (Marashliev), Jekov e Dermendjiev.*
Técnico: Stefan Bojkov
Juiz: Antonio Sbardella (Itália)
Auxiliares: Aguilar (México) e Maruyama (Japão)

Comoção e heróismo

No dia 28 de abril, em Lima, o Peru perdeu para o Inter de Porto Alegre por 2 x 0. O inesperado resultado fez com que o time viajasse para o México sem o enorme entusiasmo que sua classificação havia provocado. Mas o pior estava por vir. Apenas dois dias antes da estréia, um terremoto matou perto de 45 000 pessoas no país. O epicentro foi em Chimbote. Os estragos não atingiram Lima, mas as comunicações foram cortadas e os jogadores ficaram desesperados para contatar suas famílias. No dia do jogo, em sinal de luto, os peruanos entraram em campo com uma folha de fumo no ombro. E, ainda desconcentrados, tomaram 1 gol logo aos 12 minutos. Numa cobrança ensaiada de falta, os búlgaros, com três toques rápidos, marcaram enquanto a defesa peruana ficava olhando – foi o primeiro gol da Copa de 1970. Preocupado, o técnico Didi fez uma substituição ainda no primeiro tempo: Javier Gonzalez no lugar de Campos. Na etapa final, ainda fora de órbita, os peruanos levaram o segundo gol. E, de repente, recuperaram a vontade de jogar. Foram para cima da Bulgária, empatando o jogo em 3 minutos e conseguindo o gol da vitória aos 28 minutos, com Cubillas. Uma estréia comovente e heróica.

ALEMANHA OCIDENTAL 2 x 1 MARROCOS

Data: 3 de junho de 1970, quarta-feira
Horário: 16 horas
Estádio: León, em León
Público: 12 940 pessoas
Gols: *Houmane* (21 do 1º); *Seeler* (11) e *Müller* (35 do 2º)
Alemanha Ocidental – *Maier, Vogts, Schulz, Fitschel e Hottges (Lohr); Beckenbauer, Haller (Grabowski) e Overath; Seeler, Müller e Held.*
Técnico: Helmut Schön
Marrocos – *Allal, Lamrani, Slimani, Moulay e Benkhrif; Maroufi, El Filali e Bamous (Faras); Said, Houmane e Ghazouani (Abdel).*
Técnico: Blagoje Vidinic
Juiz: Laurens van Ravens (Holanda)
Auxiliares: Ortiz de Mendibil (Espanha) e Velasquez (Colômbia)

O calor na altitude

Mais bem adaptados ao calor de 32 graus, os marroquinos surpreenderam os precavidos alemães e abriram o placar. O máximo que a Alemanha conseguiu no primeiro tempo foi uma bola na trave. No intervalo, o técnico Schön mudou a tática, passando do 4-3-3 para o 4-2-4, ao trocar o meia Haller pelo veloz ponteiro Grabowski. Curiosamente, o juiz holandês apitou o reinício da partida com o gol marroquino vazio: o goleiro se atrasou e ninguém percebeu. Aos 11 minutos, num lance de oportunismo de Seeler, veio o empate. Nos 15 minutos finais, o Marrocos cansou e Schön arriscou: trocou um lateral por um atacante e se deu bem. Aos 35 minutos, Grabowski cabeceou na trave e Müller empurrou para o gol. Após a apertada vitória, a imprensa alemã levantou uma lebre: a Alemanha tinha sido a última Seleção a chegar ao México (15 dias antes da estréia). Segundo a comissão técnica, "testes práticos com atletas" haviam provado que duas semanas de adaptação seriam suficientes. Seriam mesmo?

PERU 3 x 0 MARROCOS

Data: 6 de junho de 1970, sábado
Horário: 16 horas
Estádio: León, em León
Público: 13 540 pessoas
Gols: *Cubillas* (20), *Challe* (23) *e Cubillas* (30 do 2º)
Peru – *Rubiños, Javier Gonzalez, De La Torre, Chumpitaz e Fuentes; Mifflin (Cruzado), Sotil e Cubillas; Challe, 'Perico' Léon e Gallardo (Ramirez).*
Técnico: Valdir Pereira (Didi)
Marrocos – *Allal, Lamrani, Slimani, Moulay e Benkhrif (Fadili); Maroufi, El Filali e Bamous; Said (Aloui), Houmane e Ghazouani.*
Técnico: Blagoje Vidinic
Juiz: Tofik Bakhramov (União Soviética)
Auxiliares: Sbardella (Itália) e Maruyama (Japão)

O Peru avança

Outra bela vitória do Peru e outra febril demonstração de velocidade dos marroquinos no primeiro tempo. Só na metade do segundo tempo, quando o Marrocos cansou, os peruanos conseguiram 3 gols em 10 minutos.

Craque peruano

A figura do jogo foi o peruano Teófilo Cubillas: além de marcar 2 gols, ele deu o passe para Challe fazer o outro e ainda acertou uma bola na trave de Allal.

O velho Tofik

A partida marcou o reaparecimento do infame juiz Tofik Bakhramov, que na Copa de 1966 (como bandeirinha) validou 1 gol inexistente da Inglaterra na final contra a Alemanha.

ALEMANHA OCIDENTAL 5 x 2 BULGÁRIA

Data: 7 de junho de 1970, domingo
Horário: 12 horas
Estádio: León, em León
Público: 12 710 pessoas
Gols: *Nikodimov* (12), *Libuda* (20) *e Müller* (27 do 1º); *Müller* (pênalti, 7), *Seeler* (24), *Müller* (42) *e Kolev* (44 do 2º)
Alemanha Ocidental – *Maier, Vogts, Schnellinger, Fitschel e Hottges; Beckenbauer (Weber), Lohr (Grabowski) e Overath; Libuda, Seeler e Müller.*
Técnico: Helmut Schön
Bulgária – *Simeonov, Gaydarski, Jetchev, Nikodimov e Gaganelov (Chalamanov); Penev, Bonev e Yakimov; Kolev, Asparukhov e Dermendjiev (Mitkov).*
Técnico: Stefan Bojkov
Juiz: José Ortiz de Mendibil (Espanha)
Auxiliares: Ribeiro (Portugal) e Velasquez (Colômbia)

A "estréia" alemã

O primeiro tempo mostrou algum equilíbrio, mas no segundo a Bulgária desmoronou. Aos 7 minutos, Gaganelov derrubou Libuda na área e Müller marcou de pênalti. Depois, a Alemanha desfilou. Após a partida, Helmut Schön disse que, finalmente, a Alemanha havia "estreado" na Copa.

O açougueiro

O técnico búlgaro não economizou nas mudanças: fez seis – incluindo a entrada do açougueiro Jetchev, que caçara Pelé na Copa de 1966.

O gol 800

O quinto gol alemão, de Müller, foi o de número 800 da história das Copas.

ALEMANHA OCIDENTAL 3 x 1 PERU

Data: 10 de junho de 1970, quarta-feira
Horário: 16 horas
Estádio: León, em León
Público: 17 870 pessoas
Gols: *Müller* (20, 26 e 39) *e Cubillas* (44 do 1º)
Alemanha Ocidental – *Maier, Vogts, Schnellinger, Fitschel e Hottges (Patzke); Beckenbauer, Lohr e Overath; Libuda (Grabowski), Seeler e Müller.*
Técnico: Helmut Schön
Peru – *Rubiños, Javier Gonzalez, De La Torre, Chumpitaz e Fuentes; Mifflin, Sotil e Cubillas; Challe (Cruzado), 'Perico' Léon (Ramirez) e Gallardo.*
Técnico: Valdir Pereira (Didi)
Juiz: Arturo Aguilar (México)
Auxiliares: Ortiz de Mendibil (Espanha) e Sbardella (Itália)

Só deu Müller

Müller arrasou e fez 3 gols em 19 minutos, ainda no primeiro tempo. Enquanto o Peru tocava a bola e procurava impor seu ritmo de jogo, Müller ia marcando. Derrota à parte, o Peru tinha muito a comemorar: pela primeira vez, passava das oitavas-de-final (e o técnico Didi virou uma grande celebridade no país).

Fazendo contas

Peru e Alemanha entraram em campo classificados, mas vencer era vital: o perdedor cruzaria com o Brasil nas quartas-de-final. Didi declarou que "não gostaria de enfrentar o Brasil", enquanto Helmut Schön afirmou que "preferia a Inglaterra". Pelo retrospecto das duas equipes até então, o Peru tinha boas chances de vencer. Mas não deu.

BULGÁRIA 1 x 1 MARROCOS

Data: 11 de junho de 1970, quinta-feira
Horário: 16 horas
Estádio: León, em León
Público: 7 500 pessoas
Gols: *Jetchev* (40 do 1º); *Ghazouani* (15 do 2º)
Bulgária – *Yordanov, Chalamanov, Gaydarski, Jetchev, Nikodimov e Gaganelov; Penev (Dimitrov) e Yakimov (Bonev); Kolev, Popov, Asparukhov e Mitkov.*
Técnico: Stefan Bojkov
Marrocos – *Hazaz, Fadili, Slimani, Moulay e Benkhrif; Maroufi, El Filali e Bamous (Choukri); Said, Alaoui (Faras) e Ghazouani.*
Técnico: Blagoje Vidinic
Juiz: Antonio Saldanha Ribeiro (Portugal)
Auxiliares: Van Ravens (Holanda) e Bakhramov (União Soviética)

O técnico estragou

A Bulgária estava disputando sua terceira Copa. E seu histórico era pífio: até então, jogara oito vezes (três em 1962, três em 1966 e duas em 1970) e conseguira só um empate, contra a Inglaterra, em 1962. De resto, sete derrotas. Contra o também já eliminado Marrocos, os búlgaros foram atrás da primeira vitória: atacaram durante todo o primeiro tempo e, aos 40 minutos, o zagueiro Jetchev fez 1 x 0. Mas aí o técnico estragou tudo. Assim que o jogo foi reiniciado, ele imediatamente tirou um armador (Penev) e colocou um zagueiro (Dimitrov). E logo aos 5 minutos da etapa final substituiu um atacante (Yakimov) por um volante (Bonev). Deu no que tinha que dar: aos 15 minutos, Ghazouani empatou e a Bulgária não tinha mais ataque. Já o Marrocos, pela terceira vez, se cansou na metade do segundo tempo. E acabou tudo em 1 x 1. Essa foi a última partida em Copas do búlgaro Georgy Asparukhov, que morreu no ano seguinte, em 30 de junho de 1971, num acidente de carro. Anos mais tarde, o estádio do clube em que Asparukhov jogou – o Spartak de Levski – recebeu seu nome, como homenagem póstuma. E o Marrocos se despediu do Mundial com uma façanha nada desprezível: foi a única equipe que não levou nenhum cartão, amarelo ou vermelho. O saldo de gols de Bulgária e Marrocos foi o mesmo (4). Os búlgaros ficaram em terceiro por haver marcado mais gols (5 contra 2).

Quartas-de-final

UNIÃO SOVIÉTICA 0 x 1 URUGUAI
(0 x 0 no tempo normal)
(1º do grupo I x 2º do grupo II)

Data: 14 de junho de 1970, domingo
Horário: 12 horas
Estádio: Azteca, na Cidade do México
Público: 96 080 pessoas
Gol: *Esparrago* (12 do 2º da prorrogação)
União Soviética – *Kavasashvili, Kaplichny, Shesternev, Dzodzuashvili e Khurtzilava (Logofet); Afonin, Asatiani (Kiselev) e Muntyan; Byshovets, Evryushikin e Kmelnitski.*
Técnico: Gavril Katchalin
Uruguai – *Mazurkiewicz, Ubiña, Ancheta, Matosas e Mujica; Montero Castillo, Cortes e Maneiro; Cubilla, Fontes (Esparrago) e Morales (Gomez).*
Técnico: Juan Hohberg
Juiz: Laurens van Ravens (Holanda)
Auxiliares: Glockner (Alemanha Oriental) e Davidson (Escócia)

Reserva pé-quente

O Uruguai, fiel a seu estilo, entrou para não perder. Os soviéticos até que tentaram atacar, mas foram perdendo a ambição à medida que o tempo passava. Aos 38 minutos do segundo tempo, o técnico soviético arriscou e colocou um atacante para tentar o gol ainda no tempo normal. Mas não deu e o jogo foi para a prorrogação. Faltando 6 minutos para o fim, o exausto Fontes pediu para sair. E Hohberg fez entrar Victor Esparrago, do Nacional. Na primeira vez em que tocou na bola, Esparrago marcou o gol da classificação uruguaia, de cabeça. Na hora, o lance pareceu irregular – a bola teria saído pela linha de fundo antes do cruzamento de Cubilla. O vídeo da TV mexicana não esclareceu a dúvida e os soviéticos fizeram um protesto formal. Mais tarde, o filme da Fifa mostrou que a jogada tinha sido legal.

ITÁLIA 4 x 1 MÉXICO
(1º do grupo II x 2º do grupo I)

Data: 14 de junho de 1970, domingo
Horário: 12 horas
Estádio: La Bombonera, em Toluca
Público: 16 850 pessoas
Gols: *Gonzalez* (13) *e Peña* (contra, 26 do 1º)*; Riva* (19)*, Rivera* (24) *e Riva* (31 do 2º)
Itália – *Albertosi, Burgnich, Cera, Rosato e Fachetti; Bertini, Mazzola (Rivera) e De Sisti; Domenghini (Gori), Boninsegna e Riva.*
Técnico: Ferruccio Valcareggi
México – *Calderón, Vantolra, Peña, Guzmán e Perez; Gonzalez (Borja), Munguia (Diaz) e Pulido; Valdivia, Fragoso e Padilla.*
Técnico: Raul Cárdenas
Juiz: Rudolf Scheurer (Suíça)
Auxiliares: Landauer (Estados Unidos) e Dunstan (Bermudas)

Surpresa total

No fim, ninguém parecia acreditar no placar de 4 x 1: nem os mexicanos, que estavam fora da Copa, nem os italianos, que haviam passado tão facilmente pelos donos da casa. Antes do jogo, muitos apostavam que ele terminaria 0 x 0.

A alegria durou pouco

México e Itália ainda não tinham sofrido gols e seus ataques deixavam a desejar. Mas o México furou o bloqueio logo aos 13 minutos. Só que o zagueiro Peña não estava num bom dia: aos 26 minutos, ao tentar cortar um chute fraco, marcou contra. No segundo tempo, Rivera entrou no lugar de Mazzola e a bola começou a chegar aos pés de Riva. E, para desespero da torcida mexicana, o goleiro Calderón também falhou. O gol arrasou o México e a Itália aproveitou: em 7 minutos, marcou mais 2.

BRASIL 4 x 2 PERU
(1º do grupo III x 2º do grupo IV)

Data: 14 de junho de 1970, domingo
Horário: 12 horas
Estádio: Jalisco, em Guadalajara
Público: 54 230 pessoas
Gols: *Rivelino* (11), *Tostão* (15) *e Gallardo* (28 do 1º)*; Tostão* (7), *Cubillas* (24) *e Jairzinho* (31 do 2º)
Brasil – *Félix, Carlos Alberto, Brito, Piazza e Marco Antônio; Clodoaldo, Gerson (Paulo César) e Rivelino; Jairzinho (Roberto), Tostão e Pelé.*
Técnico: Mario Jorge Lobo Zagalo
Peru – *Rubiños, Campos, Fernandez, Chumpitaz e Fuentes; Mifflin, Baylón (Sotil) e Cubillas; Challe, 'Perico' Léon (Reyes) e Gallardo.*
Técnico: Valdir Pereira (Didi)
Juiz: Vital Loraux (Bélgica)
Auxiliares: Marschall (Áustria) e Emsberger (Hungria)

Ai, a defesa

Antes do pontapé inicial, a torcida brasileira estava apreensiva: nas três partidas das oitavas, o ataque brasileiro chutara 56 bolas no gol adversário. Mas a defesa havia permitido 50 chutes contra o gol do Brasil.

A consagração

As duas equipes deixaram o campo sob aplausos e Tostão saiu consagrado: depois daquele jogo, todos concordaram que melhor que ele, no Brasil, só Pelé. Já a revista mexicana *Visón* escreveu: "O Brasil se agarra ao mito de Pelé, que está velho e gordo". Uma semana mais tarde, quem escreveu isso engoliu cada letra.

Um jogo aberto

No jogo mais agradável de se ver em toda a Copa, Brasil e Peru entraram em campo sem a preocupação de se defender. Nossa defesa voltou a falhar, mas, felizmente, a do Peru falhou mais. Gérson voltou ao meio campo e Marco Antônio (o jogador mais jovem da Copa, com 19 anos e 4 meses) foi mantido na lateral esquerda. No Peru, Didi tentou fortalecer o lado direito da zaga, fazendo entrar Campos e Fernandez. E o primeiro gol do Brasil foi um presente de Campos. Aos 11 minutos do primeiro tempo, ele tentou matar a bola no peito, mas a ofereceu a Tostão, que rolou curtinho para Rivelino entrar na corrida e chutar rasteiro no canto esquerdo de Rubiños. Apenas 4 minutos depois, Rubiños engoliu um frangaço. Tostão bateu um escanteio curto para Rivelino, recebeu de volta dentro da área e, a 1 metro da linha de fundo, chutou para o gol. Rubiños pulou na bola, mas ela passou entre seus braços e a trave. Aos 28 minutos, o ponteiro Gallardo driblou Carlos Alberto e chutou sem ângulo. Félix, um passo adiantado, permitiu que a bola entrasse entre ele e a trave direita. No segundo tempo, o jogo continuou aberto e Tostão fez o terceiro aos 7 minutos, tocando para o gol após um chute de Pelé bater em Chumpitaz e enganar Rubiños. Gérson, ainda fora de ritmo, saiu de campo aos 26 minutos. Logo em seguida, numa jogada confusa dentro da área brasileira, a bola bateu nas costas de Marco Antônio, que estava sentado, e sobrou para Cubillas chutar por baixo de Félix. E, finalmente, aos 31 minutos, o gol mais bonito do jogo: Rivelino lançou Jairzinho, que passou pelo goleiro e tocou. Foi o quinto gol dele em quatro jogos. Se tivessem aproveitado todas as oportunidades que criaram, Brasil e Peru teriam feito um jogo de 10 gols.

A vingança de Montezuma

Dos 11 ingleses, cinco haviam atuado em 1966: Bobby Moore, Bobby Charlton, Ball, Hurst e Peters. Pela Alemanha, também eram cinco os remanescentes: Schnellinger, Hottges, Beckenbauer, Overath e Seeler. E um sexto – Schulz – entrou no segundo tempo. Os ingleses também teriam seis, se o goleiro Gordon Banks tivesse jogado. Mas ele foi vítima de uma violenta diarréia, chamada no México de *"Venganza de Montezuma"* (uma intoxicação alimentar que persegue os estrangeiros, como um castigo eterno pelo crime cometido em 1520 por conquistadores espanhóis, que assassinaram o líder asteca Montezuma II). Com Banks desidratado e debilitado, Peter Bonetti, do Chelsea, entrou no gol inglês.

ALEMANHA OCIDENTAL 3 x 2 INGLATERRA

(2 x 2 no tempo normal)

(1º do grupo IV x 2º do grupo III)

Data: 14 de junho de 1970, domingo
Horário: 12 horas
Estádio: León, em León
Público: 19 500 pessoas
Gols: *Mullery* (32 do 1º); *Peters* (5), *Beckenbauer* (24) e *Seeler* (37 do 2º); *Müller* (3 do 2º da prorrogação)
Alemanha Ocidental – *Maier, Vogts, Schnellinger, Fitschel e Hottges (Schulz); Beckenbauer, Lohr e Overath; Libuda (Grabowski), Seeler e Müller.*
Técnico: Helmut Schön
Inglaterra – *Bonetti, Newton, Labone, Moore e Cooper; Mullery, Bobby Charlton (Bell) e Ball; Lee, Hurst e Peters (Hunter).*
Técnico: Alf Ramsey
Juiz: Angel Coerezza (Argentina)
Auxiliares: Ortiz de Mendibil (Espanha) e Velasquez (Colômbia)

Para enterrar 1966

O jogo foi uma reedição da final da Copa de 1966. Beckenbauer grudou em Bobby Charlton, mas a Inglaterra teve mais competência e abriu 2 x 0, em dois cruzamentos do lateral Wilson (concluídos pelo volante Mullery e pelo ponteiro Peters). E aí a Alemanha foi para a frente. Beckenbauer largou Bobby Charlton e, na metade do segundo tempo, acertou um chute de fora da área no canto direito de Bonetti. O técnico inglês imediatamente substituiu Bobby Charlton, já cansado, por Bell. Foi o 106º e último jogo do craque com a camisa do *English Team*. A Inglaterra recuou e se segurou até 8 minutos do fim. Exatamente quando Alf Ramsey fazia sua segunda substituição – Hunter, um defensor, no lugar de Peters – o alemão Seeler saltou meio de costas numa bola alta cruzada por Schnellinger e conseguiu tocá-la de cocuruto por sobre o goleiro Bonetti. Com o empate em 2 x 2 – exatamente como em 1966 –, chegou a hora da prorrogação. Só que, desta vez, não havia o bandeirinha amigo nem o apito benevolente para ajudar a Inglaterra. Ao contrário: no fim do primeiro tempo extra, Lee cruzou da direita e Hurst cabeceou para o gol. Seria o desempate, se Ortiz de Mendibil não tivesse apontado impedimento, confirmado pelo juiz argentino Coerezza. No segundo tempo da prorrogação, logo aos 3 minutos, Grabowski cruzou da direita, Lohr cabeceou para a boca do gol e, na indecisão de Bonetti, Müller mandou de sem-pulo para as redes. Os campeões estavam fora da Copa, enquanto a persistente Alemanha enterrava o fantasma de 1966 e seguia adiante.

Semifinais

Coincidência ou não, as semifinais reuniram quatro países que haviam vencido sete das oito Copas anteriores: Brasil, Itália e Uruguai tinham dois títulos cada um, e a Alemanha mais um. No momento em que ficou definido que Brasil e Uruguai se enfrentariam, um fantasma surgiu das trevas da história: a derrota na Copa de 1950. E todos os jornais brasileiros saíram caçando os jogadores que, 20 anos antes, haviam sucumbido perante os uruguaios por 2 x 1, na tragédia de 16 de julho no Maracanã. Ghiggia, o autor do segundo gol uruguaio – que, em 1970, vivia do faturamento de sua mulher, proprietária de um salão de cabeleireiro – explicou pela milionésima vez como calara o Maracanã. E o goleiro Barbosa, em contraponto, era novamente convidado a reviver seu drama pessoal e explicar como a bola havia passado entre ele e a trave. Assim, mais que um passaporte para a final, uma vitória sobre o Uruguai representaria um acerto de contas com o passado. No Uruguai, os jornais estampavam seu otimismo com uma manchete numérica: *"Uruguay 30 – 50 – 70"*. O Uruguai só reclamou da tabela: depois de jogar em Puebla, e na Cidade do México, teve de viajar mais uma vez, até Guadalajara para pegar o Brasil.

ITÁLIA 4 x 3 ALEMANHA OCIDENTAL
(1 x 1 no tempo normal)

Data: 17 de junho de 1970, quarta-feira
Horário: 16 horas
Estádio: Azteca, na Cidade do México
Público: 102 440 pessoas
Gols: *Boninsegna* (8 do 1º)*; Schnellinger* (44 do 2º)*; Müller* (5), *Burgnich* (8) *e Riva* (13 do 1º da prorrogação)*; Müller* (5) *e Rivera* (6 do 2º da prorrogação)

Itália – *Albertosi, Burgnich, Cera, Rosato (Poletti) e Fachetti; Bertini, Mazzola (Rivera) e De Sisti; Domenghini, Boninsegna e Riva.*
Técnico: Ferruccio Valcareggi
Alemanha Ocidental – *Maier, Vogts, Schulz, Schnellinger e Patzke (Held); Beckenbauer, Lohr (Libuda) e Overath; Grabowski, Seeler e Müller.*
Técnico: Helmut Schön
Juiz: Arturo Yamazaki (Peru)
Auxiliares: Velasquez (Colômbia) e Hormazabal (Chile)

Chuva de gols

A Itália, que começou mal a Copa, fazendo apenas 1 gol em três jogos, marcou 8 em dois jogos e se garantiu na grande final.
E a Alemanha de Müller – virtual artilheiro do torneio, com 10 gols em cinco jogos – iria disputar contra o Uruguai a honrosa, mas pouco apreciada, terceira colocação.

Que prorrogação!

Um jogo aborrecido no período normal, mas que se transformou na mais emocionante prorrogação da história das Copas. O que alemães e italianos não conseguiram fazer em 90 minutos fizeram com sobras em 30. Com o jogo ainda indefinido, aos 8 minutos do primeiro tempo, Roberto 'Bobo' Boninsegna acreditou numa bola perdida e acertou um belo chute da entrada da área, fazendo 1 x 0. Daí até o fim da partida, a Itália foi cada vez mais cautelosa, enquanto Helmut Schön ficou cada vez mais corajoso. Aos 7 minutos do segundo tempo, ele trocou um armador (Lohr) por um atacante (Libuda). Aos 21 minutos, tirou um zagueiro (Patzke) e colocou outro atacante (Held). Mas, aos 25 minutos, Beckenbauer levou uma trombada quando tentava entrar na área italiana e deslocou o ombro direito. Como só eram permitidas duas substituições, o Kaiser teve de imobilizar o ombro e voltar ao campo.
E tudo parecia indicar que a Itália iria para a final quando, aos 44 minutos, Grabowski cruzou e o zagueiro Schnellinger, quase na pequena área e sem marcação, atirou-se na bola e empatou o jogo. Na prorrogação, aconteceu uma seqüência maluca de gols. Os alemães passaram à frente com Müller, para Burgnich empatar em seguida. Aí, os italianos tomaram a dianteira com Riva, mas no início do segundo tempo Müller empatou de novo. Foi só a Itália dar a saída e Rivera – que entrara no lugar de Mazzola – fez 4 x 3. Ainda faltavam 9 minutos e qualquer coisa parecia possível. Mas os alemães, que já haviam enfrentado uma prorrogação três dias antes, sucumbiram ao cansaço (o mesmo cansaço que matou os italianos a partir da metade do segundo tempo da final contra o Brasil).

Os quase gols

Dois lances de Pelé entraram para a história justamente porque não terminaram em gol. Aos 21 minutos do segundo tempo, Mazurkiewicz bateu um tiro de meta e Pelé, da intermediária, emendou de primeira. No susto, o goleiro conseguiu agarrar. Depois, pouco antes de o juiz encerrar o jogo, o Rei brindou a torcida com uma pequena obra-prima: num lançamento de Tostão, Mazurkiewicz saiu do gol e Pelé, sem tocar na bola, deu o drible da vaca, tirando o goleiro do lance. Mas chutou para fora, rente à trave direita. Até hoje, esse é considerado "o gol mais bonito que Pelé não marcou".

BRASIL 3 x 1 URUGUAI

Data: 17 de junho de 1970, quarta-feira
Horário: 16 horas
Estádio: Jalisco, em Guadalajara
Público: 51 260 pessoas
Gols: *Cubilla* (18) *e Clodoaldo* (45 do 1º); *Jairzinho* (31) *e Rivelino* (44 do 2º)
Brasil – *Félix, Carlos Alberto, Brito, Piazza e Everaldo; Clodoaldo, Gerson e Rivelino; Jairzinho, Tostão e Pelé.*
Técnico: Mario Jorge Logo Zagalo
Uruguai – *Mazurkiewicz, Ubiña, Ancheta, Matosas e Mujica; Montero Castillo, Cortes e Maneiro (Esparrago); Cubilla, Fontes e Morales.*
Técnico: Juan Hohberg
Juiz: José Ortiz de Mendibil (Espanha)
Auxiliares: Marschall (Áustria) e Bakhramov (União Soviética)

SEBASTIÃO MARINHO

1950 às avessas

Foi uma repetição de 1950, só que do jeito certo – às avessas. Perdendo por 1 x 0, dessa vez foi o Brasil quem virou para 2 x 1. E, para completar, ainda colocou uma cereja no bolo, fazendo o terceiro gol no fim da partida. Vingança completa. Mas, antes disso, a torcida sofreu. E muito. O Brasil deu a saída e o Uruguai se plantou na defesa, só indo esporadicamente ao ataque. Numa dessas ocasiões, aos 18 minutos, Brito errou um passe de 3 metros para Carlos Alberto, entregando a bola nos pés de Morales, que lançou Cubilla, sozinho pela direita. Ao tentar controlar a bola, Cubilla tocou-a com a coxa e ela correu demais, na direção da linha de fundo. Sem muita alternativa, já que Piazza vinha em sua marcação, ele tentou tocar para o gol, mas o chute, meio de canela, saiu fraquinho. Parecia um lance fácil, mas Félix, junto à trave esquerda, titubeou. A bola passou por ele e, mansinha, entrou no canto direito. Era tudo que o Brasil não queria: sair atrás no marcador. Imediatamente, o Uruguai se agrupou na própria intermediária e passou o resto do primeiro tempo só se defendendo. O tempo passava e nada acontecia. Até que, aos 45 minutos, numa jogada surpreendente, Clodoaldo tocou na esquerda para Tostão e se adiantou, com Gérson ficando na cobertura. Como Clodoaldo não tinha marcador fixo, a defesa uruguaia não o acompanhou e Tostão devolveu a bola >>>

>>> com perfeição. Já dentro da área, Clodoaldo chutou no canto direito de Mazurkiewicz, empatando o jogo. O segundo tempo foi igual ao primeiro. O Uruguai catimbou, segurou a bola e retardou o jogo – e o Brasil não encontrava espaços. Mas, pelo menos, jogou com paciência. Aos 16 minutos, Pelé foi derrubado por Ancheta na risca da área. Os locutores brasileiros gritaram "pênalti!", mas o juiz marcou fora da área. Aos 29 minutos, o técnico uruguaio criou coragem e trocou Maneiro por Esparrago, o herói do jogo contra a União Soviética. Não deu certo: sem Maneiro, o Brasil dominou o meio de campo. E, aos 31 minutos, Pelé, no círculo central, tocou de lado para Tostão. Tostão enfiou um passe longo para Jairzinho, que saiu correndo junto com Matosas. Matosas ficou na dúvida se derrubava o atacante ou se tentava alcançar a bola e os dois entraram na área. Mazurkiewicz saiu do gol e Jairzinho tocou de leve, rasteirinho, no canto direito: 2 x 1. Daí, foi a vez de o Uruguai se desesperar. Félix fez uma defesa milagrosa, numa cabeçada à queima-roupa de Cubilla. E o sofrimento continuou até os 44 minutos, quando o Brasil armou um contra-ataque e pegou a defesa uruguaia aberta. Pelé rolou para Rivelino, que vinha de trás e acertou o canto esquerdo de Mazurkiewicz. O Brasil estava na final.

Só na malícia

Os uruguaios batiam, os brasileiros também, e Pelé aproveitou um lançamento longo pela ponta esquerda para dar uma cotovelada no nariz de Fontes, no exato momento em que o uruguaio lhe aplicava um carrinho por trás. O juiz marcou falta para o Brasil e Fontes saiu cambaleando.

Disputa do 3º lugar

ALEMANHA OCIDENTAL 1 x 0 URUGUAI

Data: 20 de junho de 1970, sábado
Horário: 12 horas
Estádio: Azteca, na Cidade do México
Público: 77 403 pessoas
Gol: *Overath* (27 do 1º)
Alemanha Ocidental – *Wolter, Vogts, Fichtel, Schnellinger (Lorenz) e Patzke; Weber, Overath e Held; Libuda, Seeler e Müller.*
Técnico: Helmut Schön
Uruguai – *Mazurkiewicz, Ubiña, Ancheta, Matosas e Mujica; Montero Castillo, Cortes e Maneiro (Sandoval); Cubilla, Fontes (Esparrago) e Morales.*
Técnico: Juan Hohberg
Juiz: Antonio Sbardella (Itália)
Auxiliares: Marschall (Áustria) e Aguilar (México)

Um recorde alemão

A qualidade dos jogos pelo terceiro lugar é sempre inversamente proporcional à fama dos times envolvidos. Quando essa colocação pode se tornar o maior título internacional no currículo de um dos oponentes – caso do Chile em 1962, de Portugal em 1966, da Croácia em 1998, ou de Turquia e Coréia do Sul em 2002 –, há mais empenho e motivação. Mas quando os participantes já levantaram a taça, como era o caso de Alemanha e Uruguai em 1970, o confronto sempre decepciona. Sem Beckenbauer, a Alemanha, que vinha de duas extenuantes prorrogações em apenas seis dias, jogou os 30 minutos que o fôlego lhe permitia e fez 1 gol. Daí para a frente, o Uruguai deu uma demonstração de sua famosa garra, mas sem aquele entusiasmo que transformava derrotas anunciadas em grandes vitórias. E não conseguiu nem empatar. Assim, mesmo não jogando bem, os alemães saíram de campo com uma pequena consolação. Para os uruguaios, o quarto lugar não deixou de ser um prêmio, considerando o futebol amarrado e sem graça exibido no México. Para a Alemanha, houve uma compensação adicional. O atacante Uwe Seeler, aos 33 anos, fez sua 21ª apresentação em quatro Copas (cinco em 1958, quatro em 1962, seis em 1966 e seis em 1970). Das 22 partidas que a Alemanha fez nesses Mundiais, Seeler só não esteve em uma, a decisão do terceiro lugar de 1958, contra a França. Assim, Uwe Seeler, do Hamburger SV, se tornou o jogador que mais partidas disputou na história da taça Jules Rimet.

Final

BRASIL 4 x 1 ITÁLIA

Data: 21 de junho de 1970, domingo
Horário: 12 horas
Estádio: Azteca, na Cidade do México
Público: 107 412 pessoas
Gols: *Pelé (18) e Boninsegna (37 do 1º); Gérson (21), Jairzinho (24) e Carlos Alberto (42 do 2º)*
Brasil – *Félix, Carlos Alberto, Brito, Piazza e Everaldo; Clodoaldo, Gérson e Rivelino; Jairzinho, Tostão e Pelé.*
Técnico: Mario Jorge Lobo Zagalo
Itália – *Albertosi, Burgnich, Cera, Rosato e Fachetti; Bertini (Juliano), Mazzola e De Sisti; Domenghini, Boninsegna (Rivera) e Riva.*
Técnico: Ferruccio Valcareggi
Juiz: Rudolf Glockner (Alemanha Oriental)
Auxiliares: Scheurer (Suíça) e Coerezza (Argentina)

A taça é nossa

Em 1970, o mundo inteiro sabia que o Brasil tinha mais time que a Itália. Mas também se sabia que, em Copas do Mundo, favoritismo é uma coisa e certeza é outra. Pelos microfones, os locutores recomendavam cautela, mas nem todo mundo estava ouvindo. Com os jogadores ainda nos vestiários, no Rio integrantes da Mangueira já vestiam suas fantasias para o grande desfile da vitória, dali a duas horas. Torcida organizada, no México, tem o nome de *porra*. E os brasileiros, é claro, não deixaram passar a oportunidade. Uma enorme faixa surgiu no estádio Azteca: "*La Porra Brasileña Saluda La Porra Mexicana*". A Itália deu a saída e Fachetti já foi correndo grudar em Jairizinho. Foi o grande duelo individual da partida: o técnico Valcareggi estava convencido de que, com Jair bem marcado, o Brasil perderia sua principal opção de ataque. Restava, é claro, marcar Pelé. E o Rei foi logo abrindo o placar. A partir do gol, o Brasil teve quase 20 minutos de claro domínio, mas numa falha individual, a Itália empatou – e a nossa Seleção sentiu o golpe. Aos 45 minutos, o juiz apitou o fim do primeiro tempo no exato momento em que Pelé, de frente para o gol, dominava a bola dentro da área italiana. Foi o suficiente para que muitos comentaristas denunciassem um complô armado pela Fifa para impedir que a Copa, inventada pelos europeus, ficasse para sempre na América do Sul. O segundo tempo começou igual ao primeiro: a Itália se resguardando e o Brasil no ataque. O grande (e último) susto veio aos 19 minutos: Domenghini chutou da ponta direita e a bola desviou em Everaldo, pegando Félix no contrapé. Mansinha, a bola saiu rente à trave esquerda, roçando a rede pelo lado de fora. Mas 2 minutos depois começou a se definir o placar. Gérson marcou e, logo em seguida, Jairzinho fez 3 x 1. E o capitão Carlos Alberto ainda fez o quarto no finzinho do jogo. Mais 5 minutos e o juiz alemão Glockner apitou pela última vez. Carlos Alberto foi às tribunas do estádio Azteca e ergueu a Jules Rimet, repetindo o gesto de Bellini e Mauro em 1958 e 1962. O Brasil era tricampeão.

Carlos Alberto ergue a taça: a posse da Jules Rimet passou a ser, definitivamente, da Seleção Brasileira

Em jogo, a posse definitiva

Além de todas as emoções que cercam uma final de Copa do Mundo, a de 1970 teve um forte ingrediente extra: o vencedor levaria definitivamente para casa a taça Jules Rimet, direito dado a quem a conquistasse três vezes. Depois de 40 anos de disputas, em que 231 partidas haviam sido jogadas e 846 gols marcados, Brasil e Itália entraram em campo. E, 90 minutos depois, um deles entrou para a história.

Palpite certeiro

Em Londres, ao meio-dia do sábado, véspera do jogo, as bolsas pararam de aceitar apostas no Brasil: a cotação chegara a 1 por 1. Por aqui, o melhor palpite foi o do presidente Garrastazu Médici. Duas horas antes da final, ele afirmou que o Brasil venceria por 4 x 1. Essa simples frase, explorada exaustivamente por sua assessoria, lhe rendeu mais Ibope junto ao povo do que a construção da rodovia Transamazônica.

Sem roupa

Ainda dentro do campo, uma multidão entusiasmada levou todo o uniforme de Tostão, que saiu para o vestiário só de sunga. E o zagueiro italiano Roberto Rosato praticamente arrancou a camisa 10 de Pelé, para levá-la como lembrança. Ou como investimento: em 2002, ela foi vendida num leilão por 283 000 dólares.

No mundo da Lua

No mundo inteiro, 700 milhões de espectadores viram pela TV Carlos Alberto levantar a Jules Rimet sobre a cabeça. Foi uma repetição da audiência recorde registrada um ano antes, quando o americano Neil Armstrong pisou na Lua.

LEMYR MARTINS

Pelé na área italiana: o Rei abriu o placar para o Brasil e, durante todo o jogo, deu muito trabalho aos zagueiros

Os gols da final

BRASIL 1 x 0 - Aos 18 minutos do primeiro tempo, Tostão cobrou um lateral para Rivelino, que levantou a bola para a área. Lá estavam Burgnich, Pelé e Albertosi – que não saiu do gol. Pelé, 1,74 metro de altura, subiu 30 centímetros mais que Burgnich e testou para o canto esquerdo. Era o 100º gol brasileiro em Copas do Mundo.

ITÁLIA 1 x 1 - Clodoaldo resolveu brincar e cometeu seu único erro na Copa. Ao tentar um passe de letra para Everaldo, entregou a bola para Boninsegna, que partiu para a área. Brito veio espumando na cobertura, Félix saiu do gol e Boninsegna desviou a bola dos dois. Da meia lua, e com o gol livre, só tocou para as redes. Eram 37 minutos do primeiro tempo.

BRASIL 2 x 1 - Jairzinho, sempre com Fachetti colado, carregou a bola da ponta esquerda para o meio. Fachetti cortou e a bola caiu nos pés de Gérson, que limpou a jogada e chutou de esquerda, no canto esquerdo de Albertosi, aos 21 minutos do segundo tempo.

BRASIL 3 x 1 - Descontrolada, a Itália tomou o terceiro gol apenas 3 minutos depois, aos 24: Gérson fez outro levantamento milimétrico para Pelé, que escorou de cabeça para Jairzinho. Ele tocou de coxa na bola, o suficiente para deixar Albertosi vendido no lance. Fachetti segurou o braço do brasileiro, que esticou o pé, mas não conseguiu dar o último toque. Como os santos estavam do nosso lado, a bola entrou mansinha. Faltavam ainda 20 minutos para o fim do jogo, mas os italianos já estavam entregues.

BRASIL 4 x 1 - Clodoaldo, na intermediária do Brasil, driblou quatro jogadores italianos e tocou para Rivelino. De Rivelino a bola foi para a esquerda até Jairzinho, sempre acompanhado pelo obediente Fachetti. Jairzinho carregou para o meio e tocou para Pelé. A seu lado, Tostão indicou a chegada de Carlos Alberto e o Rei rolou a bola de leve para a direita. Carlos Alberto, de primeira, chutou rasteiro no canto direito de Albertosi. Eram 42 minutos do segundo tempo e o Brasil estava com as duas mãos na taça. A locução de Joseval Peixoto, pela rede brasileira de rádio, foi um primor de arroubo cívico-retórico: "O placar transborda! O placar de 4 x 1 sobe às nuvens do estádio Azteca, esparrama-se pela América Central, deita-se correndo pelo verde Amazonas, para chegar ao solo brasileiro. Borbulhante alegria, meu Brasil florido, meu Brasil colorido!".

Números

ARTILHEIRO

Gerhard 'Gerd' Müller, da Alemanha, marcou 10 dos 95 gols da Copa de 1970. Nascido em Nördlingen em 3 de novembro de 1945, Müller nem sequer possuía biótipo de centroavante: era baixo (1,76 metro), atarracado (74 quilos) e de pernas curtas. Mas compensava tudo isso com uma colocação perfeita dentro da área. Em 1963, já estava no Bayern de Munique, onde ficou por 15 anos (foi quatro vezes campeão alemão, tricampeão europeu de clubes e campeão mundial interclubes em 1976). Encerrou a carreira nos Estados Unidos (jogou por lá de 1979 a 1981). Pela Seleção Alemã, disputou 62 jogos e marcou 68 gols. Foi campeão europeu em 1972 e mundial em 1974. Müller é o jogador que mais marcou gols em Copas: 14 (10 em 1970 e 4 em 1974).

PÚBLICO

O público total da Copa foi de 1 602 435 pessoas (média de 50 924 por jogo), 85,37% da capacidade total. O jogo com menos torcida foi Bulgária 1 x 1 Marrocos, nas oitavas-de-final: apenas 7 500 pagantes. E o mais concorrido foi México 1 x 0 Bélgica, também nas oitavas, que levou 108 190 fãs ao Azteca. Em dois confrontos havia mais gente do que a capacidade oficial: Brasil 1 x 0 Inglaterra e Itália 4 x 1 México.

OS MELHORES

Jornalistas de 39 países votaram na Seleção ideal. O resultado comprovou que o Brasil tinha um ataque fantástico e uma defesa mediana. Confira a escalação: Banks (Inglaterra), Dobiás (Tchecoslováquia), Shesternev (União Soviética), Bobby Moore (Inglaterra) e Cooper (Inglaterra); Beckenbauer (Alemanha), Gérson e Rivelino; Jairzinho, Tostão e Pelé.

Os tricampeões

»Félix Mielli Venerando, *32 anos* (24 de dezembro de 1937), do Fluminense. Nasceu em São Paulo e começou a carreira de goleiro nos infantis do Juventus, em 1951. Em 1956, foi para a Portuguesa, mas não conseguiu vaga como titular. Transferiu-se para o Nacional, pelo qual atuou em 1957 e 1958, quando retornou à Lusa, para ficar dez anos. Em 1966, aos 29 anos, foi convocado por Aymoré Moreira para a Seleção Paulista que enfrentou a Hungria no Pacaembu com a camisa da CBD. Após a Copa de 1966, Aymoré virou técnico da Seleção e Félix passou a ser convocado. Em 1968, foi para o Fluminense e conseguiu cinco títulos de campeão carioca entre 1969 e 1976, mais a Taça de Prata de 1970. Encerrou a carreira no Flu, em 1977, aos 39 anos. Pela Seleção, atuou 38 vezes e sofreu 36 gols.

»Carlos Alberto Torres, *25 anos* (17 de julho de 1944), do Santos. Nasceu no Rio de Janeiro e começou nas divisões inferiores do Fluminense. Em 1964, estreou no time principal e foi campeão carioca. No mesmo ano, foi convocado para a Seleção. Em 1965, teve seu passe comprado pelo Santos e foi campeão paulista. Com um currículo desses, e apenas 21 anos de idade, sua ausência da Seleção na Copa de 1966 é algo até hoje inexplicável. No Santos, o lateral Carlos Alberto foi tricampeão paulista (1967 a 1969) e ganhou vários outros títulos. Em 1971, foi para o Botafogo. Em 1972, para o Flamengo. Em 1973, retornou ao Santos e foi novamente campeão paulista. Em 1975, voltou ao Rio, para jogar na "máquina" do Fluminense. Em 1977, seguiu para o Cosmos de Nova York, equipe pela qual encerrou a carreira em 1982. Pela Seleção, atuou 53 vezes e marcou 8 gols. Um deles, o quarto da final de 1970.

»Hércules Brito Ruas, *30 anos* (9 de agosto de 1939), do Flamengo. Foi batizado com o nome do mitológico herói grego Hércules por ter nascido pesando 5 quilos. Natural do Rio de Janeiro, começou em 1955, no Vasco, seu time do coração, e ali ficou 14 anos, interrompidos apenas por breve uma passagem pelo Inter de Porto Alegre, em 1960. Em 1969, foi para o Flamengo e, no ano seguinte, para o Cruzeiro. De 1971 a 1974, atuou pelo Botafogo. Daí, seguiu para Corinthians, Atlético-PR, Le Castor (Canadá) e Deportivo Galicia (Venezuela). De 1976 a 1978, ficou no Democrata de Governador Valadares. E encerrou a carreira em 1979, aos 40 anos, no River do Piauí. Pela Seleção Brasileira, atuou 45 vezes entre 1964 e 1972.

»Wilson Piazza da Silva, *27 anos* (25 de fevereiro de 1943), do Cruzeiro. Nasceu em Ribeirão das Neves (MG) e estreou no mineiro Renascença, em 1961. Em 1964, foi para o Cruzeiro, clube pelo qual jogou durante 14 anos. Até encerrar a carreira, em 1977. Foi dez vezes campeão mineiro, campeão da Taça Brasil (1966) e da Libertadores (1976). Atuou improvisado como quarto-zagueiro na Copa de 1970 e deu conta do recado. Pela Seleção, entrou em campo 52 vezes, de 1967 a 1975.

»Everaldo Marques da Silva, *25 anos* (11 de setembro de 1944), do Grêmio. Nasceu em Porto Alegre e começou no Grêmio em 1965. Foi emprestado para o Juventude de Caxias do Sul para ganhar experiência e retornou ao Grêmio no mesmo ano. Ainda era jogador profissional quando morreu em um acidente de carro, em 22 de outubro de 1974. Foi quatro vezes campeão gaúcho. Discreto dentro e fora do campo, surpreendeu o mundo esportivo em 1972, quando o juiz paulista José Faville Neto apitou um pênalti contra o Grêmio e, ao caminhar para a área, foi colocado a nocaute por um certeiro direto no queixo (agressão que lhe custou uma suspensão de um ano). Pela Seleção, Everaldo atuou 24 vezes, entre 1967 e 1972.

»Clodoaldo Tavares de Santana, *20 anos* (26 de setembro de 1949), do Santos. O mais jovem dos titulares nasceu em Aracaju. Órfão desde os 6 anos, mudou-se para Praia Grande (SP) e começou a trabalhar aos 11 anos. Fez dezenas de bicos até ser aceito nos juvenis do Santos, em 1966. Na Vila Belmiro, teve a responsabilidade de substituir uma lenda, Zito, bicampeão mundial em 1958 e 1962. Clodoaldo tornou-se titular em 1968 e no ano seguinte estava na Seleção. Ficou até 1979 no Santos (ganhou 16 títulos) e foi consolidar a poupança nos Estados Unidos, atuando pelo Tampa Bay da Flórida. Em 1981, encerrou a carreira no Nacional de Manaus. Pela Seleção, fez 40 partidas e marcou 1 gol crucial: contra o Uruguai, na Copa de 1970.

»Jairzinho (Jair Ventura Filho), *25 anos* (25 de dezembro de 1944), do Botafogo. Natural de Duque de Caxias (RJ), ficou 13 anos no Botafogo, de 1962 a 1974, e foi bicampeão carioca em 1967 e 1968. Em 1974, iniciou uma peregrinação por várias equipes: Olympique de Marselha (França), Cruzeiro, Portuguesa de Acarigua

(Venezuela), Noroeste, Fast Club de Manaus e Jorge Wilstermann (Bolívia). Pelo Cruzeiro, foi campeão mineiro em 1975 e da Libertadores em 1976. Em 1981, voltou ao Botafogo. Disputou também as Copas de 1966 e 1974. Em 1970, marcou gols em todos os jogos do Brasil, proeza antes conseguida apenas por Gigghia, do Uruguai, em 1950, e nunca mais repetida. Pela Seleção, atuou 82 vezes, de 1964 a 1975, e marcou 34 gols (sendo 9 em Copas: 7 em 1970 e 2 em 1974).

»Gérson de Oliveira Nunes, *29 anos* (11 de janeiro de 1941), do São Paulo. Nasceu em Niterói e começou no Canto do Rio. Seguiu para o Flamengo em 1958 e, por causa do temperamento forte, em 1963 foi praticamente expulso do clube. Foi para o Botafogo e ficou até 1969, tornando-se bicampeão carioca em 1967 e 1968. Transferiu-se para o São Paulo e sagrou-se bicampeão paulista em 1970 e 1971. Em 1972, realizou o sonho de jogar em seu time do coração, o Fluminense, e foi campeão carioca de 1973. Encerrou a carreira em 1974. Em 1960, atuou pelo Brasil na Olimpíada de Roma. Em 1966, disputou apenas uma partida da Copa, contra a Hungria, e foi muito criticado. Redimiu-se totalmente em 1970, quando foi considerado o cérebro da equipe tricampeã. Fez 70 jogos pela Seleção entre 1961 e 1972, e marcou 14 gols (um deles fundamental, o segundo contra a Itália na final de 1970, seu único gol em Copas).

»Tostão (Eduardo Gonçalves de Andrade), *23 anos* (25 de janeiro de 1947), do Cruzeiro. Natural de Belo Horizonte, tinha um biótipo que enganava: por ter cabeça grande e pernas grossas e curtas, dava a impressão de ser baixinho, quando na verdade ele era mais alto que Jairzinho e apenas 1 centímetro mais baixo que Pelé. Tostão começou no infantil do América (MG), mas logo foi para o Cruzeiro, pelo qual se sagrou pentacampeão mineiro e campeão da Taça Brasil de 1966. Transferiu-se para o Vasco em 1973, mas parou de jogar no ano seguinte, aos 27 anos, devido ao problema ocular que quase o tirou da Copa de 1970. Formou-se médico e ficou afastado do futebol por 20 anos, até virar comentarista. Pela Seleção, fez 54 jogos e 32 gols (3 em Copas: 1 contra a Hungria em 1966 e 2 contra o Peru em 1970).

»Pelé (Edison Arantes do Nascimento), *29 anos* (23 de outubro de 1940), do Santos. Nasceu em Três Corações (MG) e começou no infantil do BAC, de Bauru (SP). Chegou ao Santos com 15 anos. Além de ser o único jogador da história a vencer três Copas, tem uma notável coleção de títulos. A seguir, alguns deles. Pelo Santos, foi 11 vezes campeão paulista entre 1956 e 1973 e 11 vezes artilheiro, sendo nove consecutivas. Pentacampeão da Taça Brasil (1961 a 1965), bicampeão da Libertadores em 1962 e 1963, bi mundial de clubes em 1962 e 1963. Em 1974, decidiu parar de jogar, mas no ano seguinte estreou no Cosmos, sagrando-se campeão norte-americano de 1977 (seu último título) aos 37 anos. Em toda a carreira, disputou 375 jogos e fez 1 282 gols. Pelo Brasil, foram 92 jogos oficiais e 77 gols – é o maior artilheiro da história da Seleção –, sendo 12 deles em Copas (6 em 1958, 1 em 1962, 1 em 1966 e 4 em 1970).

»Roberto Rivelino, *24 anos* (1º de janeiro de 1946), do Corinthians. Nasceu em São Paulo, capital. Oriundo do futebol de salão, começou no Corinthians em 1964 e passou dez anos no clube, sem ter conquistado nenhum título importante. Praticamente escorraçado após a derrota para o Palmeiras na final do Campeonato Paulista de 1974, transferiu-se para o Fluminense e sagrou-se bicampeão carioca em 1975 e 1976. Em seguida, foi para o El Helal da Arábia Saudita e lá encerrou a carreira, em 1981. Pela Seleção, atuou 92 vezes e marcou 26 gols (3 na Copa de 1970). Disputou ainda as Copas de 1974 (fez 3 gols) e 1978.

»Mario Jorge Lobo Zagalo, *38 anos* (9 de agosto de 1931). Nasceu em Maceió e, em 2006, completa 48 anos de serviços prestados à Seleção, com presença em sete Copas: jogador em 1958 e 1962, técnico em 1970, 1974 e 1998 e auxiliar técnico de Carlos Alberto Parreira em 1994 e 2006. Sua carreira de treinador começou em 1968, no Botafogo. Campeão mundial em 1970, apenas quatro anos depois já era acusado de estar ultrapassado, quando o Brasil ficou em quarto lugar na Copa de 1974. Até hoje, muitos o consideram pé-quente, enquanto outros o acham apenas folclórico (por coisas como sua fixação pelo número 13).

Os outros convocados

Ado (Eduardo Roberto Stinghen), *25 anos* (31 de março de 1945), goleiro do Corinthians.
Emerson Leão, *20 anos* (11 de julho de 1949), goleiro do Palmeiras.
Zé Maria (José Maria Rodrigues Alves), *21 anos* (18 de maio de 1949), zagueiro do Corinthians.
José Guilherme Balcocchi, *24 anos* (14 de março de 1946), zagueiro do Palmeiras.
José de Anchieta Fontana, *29 anos* (31 de dezembro de 1940), zagueiro do Cruzeiro.
Joel Camargo, *23 anos* (18 de setembro de 1946), zagueiro do Santos.
Marco Antônio Feliciano, *19 anos* (6 de fevereiro de 1951), zagueiro do Fluminense.
Roberto Lopes Miranda, *25 anos* (31 de julho de 1944), atacante do Botafogo.
Paulo César Lima, *21 anos* (16 de junho de 1949), atacante do Botafogo.
Edu (Jonas Eduardo Américo), *20 anos* (6 de agosto de 1949), atacante do Santos.
João Saldanha, o técnico que devolveu a confiança à Seleção, voltou a ser jornalista – cobriu a Copa de 1970 – e nunca mais dirigiu um time. Mas manteve-se nos estádios até seu último dia de vida: morreu em 12 de julho de 1990, aos 73 anos, cobrindo a Copa da Itália.

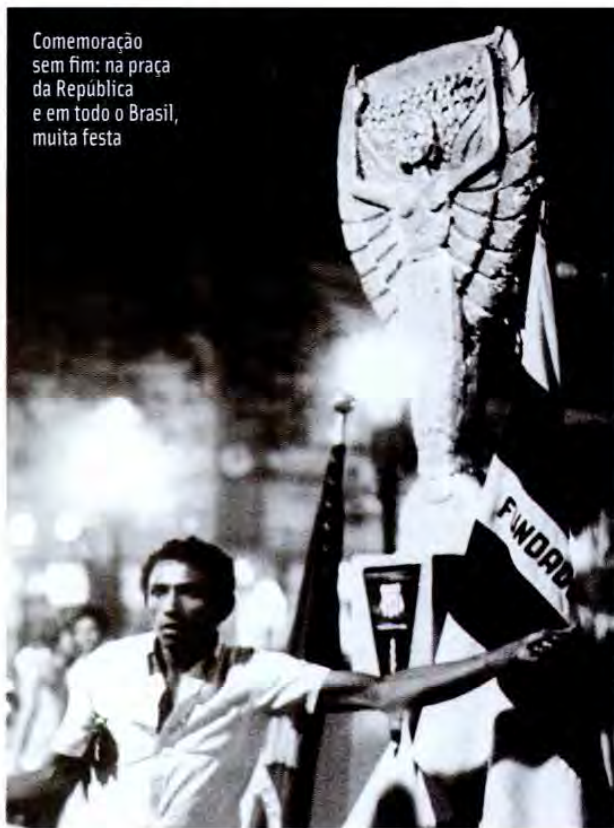
Carnaval temporão

A imprensa bem que tentou não misturar a conquista do tricampeonato com a situação política nacional, mas a ditadura militar aproveitou-se muito bem da vitória incontestável obtida por nossos craques no México

Brasília, 23 de junho, terça-feira, 11 da manhã. A Seleção foi recebida pelo presidente Médici e pelos militares. O presidente abraçou os jogadores, um a um, perante a multidão reunida em frente ao Palácio do Planalto. Em seguida, ofereceu um almoço à delegação e a sobremesa foi muito apreciada: por cortesia da Caixa Econômica Federal, cada tricampeão recebeu um cheque de 25 000 cruzeiros (valor equivalente a um Corcel zero e mais um troco). Médici ainda prometeu a concessão para a exploração de lojas da loteria esportiva, o que, na época, era uma mina de dinheiro. De Brasília, à noite, os jogadores seguiram para o Rio e participaram de um Carnaval temporão, que rolou até a madrugada. Na quarta-feira, mais desfiles regionais. Em Minas, atleticanos e cruzeirenses juntaram as bandeiras para receber Tostão, Piazza, Fontana e Dario. Em Porto Alegre, Everaldo desfilou com a mulher e a filha num trono armado sobre um caminhão. Só os paulistas se decepcionaram: Pelé seguiu direto para Santos e não participou da festa local.

Boa parte da imprensa brasileira tentou evitar que o sucesso da Seleção fosse usado politicamente. Tão logo os jogadores deixaram o Planalto, as notícias passaram a separar o futebol do poder. Mas o governo tinha os próprios meios para aproveitar a euforia popular e os utilizou, com campanhas pagas nos meios de comunicação. Hoje é mais fácil entender que a ditadura não apenas se beneficiou com o tri, mas teve uma participação importante na conquista dele, influindo no planejamento, na organização, na disciplina e na preparação física da Seleção. Mas isso não torna a ditadura melhor nem mais legítima.

Comemoração sem fim: na praça da República e em todo o Brasil, muita festa

O adeus ao Rei

A Seleção do tri voltou a se reunir só mais uma vez. Em 30 de setembro de 1970, no Maracanã, ela venceu o México por 2 x 1, gols de Tostão e Jairzinho, no chamado Jogo da Gratidão. Na semana seguinte, em 4 de outubro, o Brasil bateu o Chile em Santiago por 5 x 1, mas novos jogadores já estavam incorporados à equipe. E só um ano depois o Brasil entrou novamente em campo. Em julho de 1971, foram disputados cinco amistosos, com resultados abaixo do esperado: um empate com a Áustria (1 x 1) no Morumbi e quatro jogos no Maracanã, com uma vitória sobre a Tchecoslováquia (1 x 0), dois empates com Iugoslávia (2 x 2) e Hungria (0 x 0) e uma vitória magra sobre o Paraguai (1 x 0).

Pelé comemora o gol na final contra a Itália: ele é o único jogador tricampeão

LEMYR MARTINS

Pelé participou de dois desses jogos, seus últimos com a camisa canarinho: em 14 de julho, ele marcou seu derradeiro gol pela Seleção, contra a Áustria, no Morumbi. No dia 18, **Pelé se despediu**, sem marcar gols, contra a Iugoslávia, no Maracanã – sob os gritos de "Fica! Fica!" da torcida carioca. Sua saída encerrou um longo e brilhante capítulo: na geração de Pelé, o Brasil disputou quatro Copas do Mundo e venceu três. Antes dele, o Brasil havia disputado cinco Copas sem ganhar nenhuma. Depois de Pelé, o Brasil passou outras cinco Copas em branco. Só 23 anos após Pelé se despedir, em 1994, o Brasil voltou a conquistar a Copa do Mundo de futebol.

Em 14 anos e uma semana de serviços prestados à Seleção Brasileira, Pelé disputou 114 partidas e marcou 95 gols (é até hoje o artilheiro da história da CBF). Ele é também o único jogador tricampeão do mundo de futebol.

Balanço final

De 1930 a 1970 foram disputadas nove Copas do Mundo, com 232 jogos e 851 gols marcados. Os cinco países que ganharam títulos mundiais foram também os que mais jogaram: Brasil (38 partidas em nove Copas), Alemanha (34 em sete), Itália (26 em sete), Uruguai (26 em seis) e Inglaterra (24 em seis). O Brasil foi o único país a participar das nove edições, o único a ganhar uma Copa em outro continente, o que mais venceu (26 vitórias) e o que mais marcou (103 gols, 12% do total, com média de 2,7 gols por jogo). A defesa brasileira levou 49 gols, média de 1,3 por jogo. Mas, curiosamente, nenhum dos cinco países campeões teve, na média, nem o ataque mais eficiente nem a defesa mais eficaz. O melhor ataque foi o da Hungria, que disputou 23 partidas em seis Copas, marcando 70 gols – média de mais de 3 por jogo. E a melhor defesa foi a da União Soviética: 21 gols em 19 partidas disputadas em quatro Copas – média de apenas 1,1 por jogo. A história da nossa Seleção nos 40 anos da Jules Rimet é simples: talento nunca foi problema. Nas três únicas vezes em que houve boa organização, para permitir que os atletas pudessem jogar em paz, o Brasil foi campeão.

DE OLHO NA TAÇA

...E ela foi fundida

Numa segunda-feira, 19 de dezembro de 1983, o meliante Sérgio Pereyra Alves, vulgo Peralta, decidiu roubar, derreter e fundir a taça Jules Rimet. Como brasileiro, Peralta sabia do valor simbólico do troféu. Como bandido, nem se incomodou com isso. Às 21 horas, seus comparsas Francisco Rivera, vulgo Chico Barbudo, e José Luiz Vieira da Silva, o Luiz Bigode, entraram na sede da CBD, na rua da Alfândega, no Rio de Janeiro. Os dois renderam o vigia João Batista Maia e subiram até a sala da presidência, no nono andar. Ali, a taça ficava guardada num cofre de aço, cuja parte frontal era um vidro à prova de bala. Com o auxílio de um pé-de-cabra, o vidro foi arrancado e quatro troféus foram colocados num saco, entre eles a Jules Rimet. Foi fácil demais: o tempo total gasto no assalto não passou de 40 minutos. Só duas horas mais tarde o vigia desceu para a rua e pediu socorro. O receptador do roubo, Carlos Hernandez, um argentino radicado no Rio, quebrou a taça em pedaços para poder derretê-la, num processo que levou sete horas. No dia 28 de janeiro de 1984, os ladrões foram apresentados ao público pela polícia. Pela lei, o valor sentimental da Jules Rimet não tinha influência na sentença, e os bandidos foram condenados apenas pelo furto material – a nove anos de prisão. Mesmo assim, fugiram e desapareceram, praticamente sem cumprir pena. No ano seguinte, a Fifa mandou fazer uma réplica da taça, contendo os mesmos 1 800 gramas de ouro do troféu original, e a presenteou ao Brasil. É essa réplica que está hoje na sede da CBF.

RICARDO BELIEL

A polícia apresenta os ladrões que roubaram a taça: tudo para derretê-la

Hot Pocket® Sadia tem 4 novos sabores. Você e o microondas vão ser inseparáveis.

Hot Pocket® é o lanche para microondas da Sadia. Fica pronto em dois minutos, direto do freezer para o microondas. Sai quentinho, douradinho, delicioso. E agora tem 4 novos sabores: Calabresa com Requeijão, Quatro Queijos, Palmito e Peito de Peru com Requeijão. Hot Pocket® Sadia. Melhor que feito na hora, é feito em minutos.

www.hotpocket.com.br

"O melhor do Brasil é o brasileiro" provém de obra de Câmara Cascudo.